



Grande Oriente do Estado de Mato Grosso – GOEMT
A.:R.:L.:S.: Acadêmica François-Marie Arouet n. 101



À GL.: do G.: A.: D.: U.:

Exoterismo e Esoterismo

M.: M.: Joaquim Lelis Novais

JUNHO – 2023

Conteúdo

Pensamentos	4
Introdução	5
Desenvolvimento.....	5
1. Algumas Definições	5
1.1. Exoterismo.....	6
1.2. Esoterismo.....	6
2. Das Origens dos Termos Exotérico e Esotérico e do seu Bom e Mau Uso.....	7
3. Os Grandes Iniciados	7
3.1. RAMA.....	8
3.2. KRISHNA	11
3.2.1. A Juventude e a Iniciação de Krishna	13
3.2.2. O Triunfo sobre a Morte.....	15
3.3. HERMES	16
3.3.1. Osíris, a Morte e a Ressurreição.....	18
3.3.2. A Visão de Hermes	19
3.4. MOISÉS	20
3.4.1. Origem do nome Moisés	21
3.4.2. Iniciação de Moisés no Egito e Sua Fuga para a Casa de Jetro.....	22
3.4.3. A Visão do Sinai	24
3.4.4. O Êxodo, o Deserto.....	25
3.4.5. A Morte de Moisés	26
3.5. ORFEU.....	27
3.5.1. A Aparição de Orfeu	27
3.5.2. O Templo de Júpter	29
3.5.3. A Morte de Orfeu	29
3.6. PITÁGORAS	30
3.6.1. Os Muitos Anos de Viagem	31
3.6.2. O Templo de Delfos	32
3.6.3. A Ordem e a Doutrina de Pitágoras.....	32
3.7. PLATÃO	33
3.7.1. Os Mistérios de Elêusis.....	36
3.8. JESUS	36

3.8.1.	O Mestre Jesus	38
3.8.2.	O Batismo de Jesus no Jordão	39
3.8.3.	A Tentação de Jesus	40
3.8.4.	O Ministério de Jesus	40
3.8.5.	A Transfiguração de Jesus	41
3.8.6.	Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus	41
Conclusão		43
Bibliografia.....		46

Pensamentos¹

O autor, estudando os hieróglifos egípcios, cunhou a expressão "*intelligence-of-the-heart*" para se referir ao esoterismo.

"Existe no homem, uma inteligência cerebral e inata, inteligência chamada de inteligência do coração ou espiritual" (Página 05)

"Inteligência do coração ou espiritual é puramente uma função da consciência inata." (Página 13)

"É na inteligência do coração ou espiritual que mora a estrutura da tradição oral, onde o ensinamento esotérico se manifesta." (Página 57)

"Esoterismo não é uma significação particular oculta, mas um senso espiritual." (Página 75)

¹ SCHWALLER DE LUBICZ, R.A. Esoterism & Symbol. Ed. 1977, Inner Traditions International.

Introdução

O Dr. Viktor E. Frankl, um psiquiatra austríaco como Sigmund Freud, laborando de "bom grado sobre as contribuições freudianas", fundou uma terapia denominada Logoterapia.

Ele foi um sobrevivente dos campos de concentração nazistas e escreveu um livro interessante sobre a vida dos prisioneiros nos referidos campos.

O título do referido livro do Dr. Viktor é "Em busca de Sentido" e, gostaria de parafraseá-lo, dizendo que neste trabalho, Exoterismo e Esoterismo, estamos indo em busca da verdade.

Em seu livro, ele busca o sentido da vida nos campos de concentração e este que vos fala, através deste trabalho, busca a verdade no mundo dos escritos Exotéricos e Esotéricos.

Penso que a vida é o movimento de busca e, aqui para nós, é a busca da verdade, que na maioria das vezes só é encontrada com muito esforço, renúncia, sofrimento e dor.

Por isso, entendo que ninguém pode dizer a outro uma receita ou uma bula sobre esse propósito de busca, cada um deve descobrir e trilhar o árduo caminho sozinho, arcando com o peso e a responsabilidade da busca da verdade.

O conteúdo desse trabalho está circunscrito em mais de uma dezena de livros sobre o assunto, dando grande destaque para os livros de Édouard Schuré, "Os Grandes Iniciados" e o livro "Introdução ao Mundo Iniciático", de Mendonça Júnior Cândido Xavier.

Desenvolvimento

"A verdade absoluta foi definida como sendo as coisas como a Mente de Deus as conhece, ao passo que a Verdade Relativa são as coisas como a mais elevada razão do homem as compreende.

Assim, ao passo que para o Todo, o universo é irreal e ilusório, um simples sonho ou resultado de meditação; para as mentes finitas que fazem parte deste mesmo universo e observam através das suas faculdades, ele é verdadeiramente real e assim deve ser considerado. Ao conhecer o ponto de vista absoluto não devemos cometer o erro de negar ou ignorar os fatos e fenômenos do universo do modo como estes se apresentam às nossas faculdades: lembremo-nos que não somos o Todo."²

1. Algumas Definições

² O CAIBALION. Editora Pensamento. São Paulo: 1ª edição, 1978. p.51

1.1. Exoterismo

O termo vem do (grego (éksôtéríki) - de fora, exterior) significa algo que está disponível de forma pública, sem limitações, ou universal (...) O termo exoterismo, utilizado sobretudo na forma de adjetivos (exotérico) surge pela primeira vez nos diálogos de Aristóteles – "Ética a Eudemo" – para indicar o que é público, por oposição ao que é iniciático (oculto)..."³

É o mesmo que dizer que exoterismo diz respeito ao conhecimento que nas antigas escolas de filosofia, era ensinado ao público sem restrições. Ou ainda, o conhecimento exotérico ou conhecimento do mundo exterior é aquele que pode ser comparado como uma decoração ou vestimenta que se coloca por fora.

"Considera-se "exotérico" todo assunto que deve e pode circular sem quaisquer restrições. As religiões são todas exotéricas, isto é, possuem ensinamentos para o povo em geral sem distinção de grau de cultura, idade, nacionalidade ou outros."⁴

1.2. Esoterismo

Já o termo "esotérico" (...), restringe os conhecimentos a ele ligados a indivíduos devidamente preparados para recebê-los. Subentendendo-se que tais indivíduos possuem um grau de entendimento desenvolvido para a verdadeira compreensão desses conhecimentos. Envolve o esoterismo uma maneira de transmissão sempre que possível oral (dos mestres para seus discípulos ou dos cientistas para seus assistentes) ou quando escrito, utiliza uma linguagem simbólica, fórmulas, hieróglifos, metáforas, parábolas ou lendas, para que só compreendam as mensagens aqueles que estiverem preparados e conheçam os seus significados, única forma de interpretar tais textos".⁵

Por outra, esoterismo é o termo para os ensinamentos cujos princípios e conhecimentos não podem ou não devem ser passados ao vulgo, sendo comunicados a um restrito número de partidários adeptos, também chamados de iniciados.

É que o termo esoterismo evidencia a característica de um saber das leis que regem o universo e, ao mesmo tempo, ligando o natural ao sobrenatural.

E ainda, o esoterismo é antônimo de exoterismo, sendo portanto, referido ao que está dentro, em oposição ao que está fora; evidenciando a essência da doutrina ou filosofia que não deve ser ensinada a qualquer um, mas sempre aos adeptos ou iniciados, oralmente pelos Mestres.

São esotéricos também, os conhecimentos científicos pertencentes a empresas, laboratórios de estratégias de governo, que estão cercados de segredos.

³ Wikipedia, a enciclopédia livre.

⁴ MENDONÇA JÚNIOR, Cândido Xavier. Introdução ao Mundo Iniciático. São Paulo: Cristalis Editora e Livraria, 2000. p.49.

⁵ MENDONÇA JÚNIOR, Cândido Xavier. Introdução ao Mundo Iniciático. São Paulo: Cristalis Editora e Livraria, 2000. p.50.

É que há sempre o receio de que conhecimentos específicos dos mais variados das ciências, possam cair em mãos erradas ou de pessoas inescrupulosas.

2. Das Origens dos Termos Exotérico e Esotérico e do seu Bom e Mau Uso

A origem desses conhecimentos, segundo os Grandes Mestres, remonta à Raça Vermelha, ou Atlantiana, que era bem evoluída nos conhecimentos científico, tecnológico, moral e religioso, que até hoje não seria fácil entendê-los.

No entanto, esses mesmos Grandes Mestres afirmam que o desaparecimento da Atlântida, o país onde morava a Raça Vermelha, se deu pelo mau uso dos conhecimentos. Eles dizem ainda, que o aparecimento da dualidade do bem e do mal, pode ser atribuído ao uso inescrupuloso do conhecimento pela Raça Vermelha.

"Muitas características históricas corroboram com o fato de ter essa Raça Vermelha influenciado todas as demais que a sucederam, tendo-lhes legado duas distintas linhas de conhecimento que permanecem ainda hoje, ramificados por todos os continentes, uma teria sido a linha Exotérica, que teria dado origem às mais variadas religiões; e a outra linha de conhecimentos que teria tramitado em separado, restrita a pequenos grupos devidamente preparados, transmitida oralmente e de forma secreta. Essa linha é conhecida como esotérica. A palavra Cabala, que pode ser traduzida como "tradição oral", teria sua origem nessa corrente, corroborando com isso a palavra Adão, cuja tradução é "barro vermelho", ligando assim o primeiro homem àquela raça-raíz (Raça Vermelha)."⁶

Embasados nessa lição, pode-se afirmar que é justo e perfeito que exista o segredo nas sociedades esotéricas, não só para protegerem seus conhecimentos mais profundos, mas também como prova do respeito que elas devem ter para com aqueles que não estão preparados para entenderem os referidos ensinamentos.

Devido a isso, creio eu, é que as sociedades esotéricas adotaram a "lei do silêncio", protegendo seus ensinamentos mais profundos, ministrando-os de forma oral aos iniciados.

3. Os Grandes Iniciados

São oito os Grandes Iniciados que apareceram no livro de mesmo nome, de autoria de Édouard Schuré, que serão vistos agora, de forma sucinta, e na ordem que aparecem no citado livro.

⁶ MENDONÇA JÚNIOR, Cândido Xavier. Introdução ao Mundo Iniciático. São Paulo: Cristalis Editora e Livraria, 2000. p.52.

3.1. RAMA

De acordo com os ensinamentos brâmane, a civilização na terra teve início com a raça vermelha, no continente austral, há cinquenta mil anos, quando os continentes europeu e asiático ainda estavam submersos.

Essa mitologia fala que a raça anterior, a Vermelha, era composta de gigantes.

Por esse tempo é que surgiram a linguagem articulada, a organização social e a religião, três coisas que são primitivamente contemporâneas.

E quando surgem, dá origem a ideia de Deus, da luz e da liberdade. É que com o balbuciar da palavra, nasce a sociedade e a suspeita da existência de um Deus ou de uma ordem divina.

É o que a Bíblia fala, que Deus soprou na boca de Adão, é o que se chama o esoterismo, de o Verbo de Hermes, é a lei do primeiro Manu e o fogo roubado por Prometeu.

Os Grandes Mestres afirmam que a submersão do continente Austral, chamado por Platão de Atlântida e, o conseqüente desaparecimento da Raça Vermelha, foi a Raça Negra que dominou a terra.

Durante o seu tempo de soberania, os negros tiveram centros religiosos no Alto-Egito e na Índia. Sua sociedade era regida por uma Teocracia.

Ensina os mestres que o sol da África fomentou a Raça Negra enquanto os gelos do Pólo Ártico, presenciaram o surgimento da Raça Branca, ou hiperbóreas descritos na mitologia grega.

A raça branca foi a inventora do culto do sol e do fogo sagrado, e trouxe ao mundo a saudade do céu.

Como todas as demais raças, a branca também teve que fazer sua tomada de consciência e se livrar de seu estado primitivo, selvagem.

As principais características da raça branca são o amor pela liberdade individual, a simpatia, a primazia do intelecto que, confere à imaginação uma aparência idealista e simbólica.

Acredita-se que foi na Ásia, no Iran e na Índia que a Raça Branca fundou suas primeiras civilizações arianas, miscigenando-se com os povos de cores variadas.

Os mestres ensinam que, primitivamente, as mulheres detinham a primazia quanto à inspiração religiosa, mas que por esse tempo do domínio da Raça Branca, os homens sobrepujaram as mulheres nessa questão.

Da mistura da raça branca com as demais raças que se dava, ou pacificamente ou pela guerra, deu origem aos povos semitas e aos povos arianos. Sendo os semitas oriundos da mistura dos brancos com os negros ficando esses últimos com a predominância regional. Daí surgiram os egípcios, os árabes, os fenícios, os caldeus, os judeus, etc.

E nas regiões onde os brancos predominavam sobre os negros surgiram as sociedades arianas como os iranianos, os gregos, os hindus e os etruscos.

Dessas duas correntes de nações surgidas aí, primitivamente, as nações semitas e as nações arianas surgiram também, os dois diferentes segmentos religiosos e também, a escrita hierográfica, ou a maneira de sua escrita.

Entre os semitas, onde primitivamente houve o predomínio intelectual da Raça Negra, percebe-se uma tendência ao monoteísmo, ao princípio da unicidade do Deus Oculto que foi um dos dogmas da Raça Negra e que seus sacerdotes o transmitia esotericamente em iniciações secretas.

A escrita hierográfica, ou a arte da representação de coisas através de sinais, também sob os auspícios dos sacerdotes, que por acreditarem que essa arte vinha por inspiração divina, ao escrever, esses sacerdotes negros ou sudaneses, eles só escreveriam voltados para o pólo sul. Assim, a sua mão se dirigia para o Oriente, de onde vem a luz e, por isso, sua escrita se dava da direita para a esquerda, como é até hoje.

Já entre os arianos, no que concerne à religião, a tendência é pelo politeísmo, a mitologia, etc. Quanto à escrita, todos os povos arianos escrevem da esquerda para a direita, porque os seus sacerdotes brancos ou nórdicos, voltados para o norte, pátria dos seus ancestrais escreviam na direção do Oriente. Desse modo sua escrita se desenvolvia da esquerda para a direita, como é até hoje.

Pela corrente semita chegamos ao Egito, por meio de Moisés e pela corrente ariana chegamos à Índia por meio de Rama ou Yirva. Na epopeia hindu por nome Ramayana, ele é chamado de Rama, trajando-se como Rei indiano, cheio de esplendores e como conquistador renovador e iniciado, o Deus é Ormuz.

Já pelas tradições egípcias à época de Rama é designado pelo reinado de Osíris, o Senhor da Luz que precede o reinado de Íris.

Na Grécia o antigo herói ou semideus tinha o nome de Dionísio.

Quando Rama ainda era um sacerdote novo o seu povo, os da Raça Branca, contraiu uma espécie de peste, que cobria o corpo inteiro com manchas negras, o hálito se tornava fétido, os membros inchados e carcomidos por úlceras, que com os membros deformados morriam de dores atrozes.

Rama acreditava ser um castigo divino, mas mesmo assim, ele procurava um modo de salvar seu povo, mas seus esforços eram inúteis. Rama costumava meditar embaixo de um carvalho próximo a sua casa; certo dia, muito cansado do trabalho em prol do seu povo, ele dormiu ao pé do carvalho. Dormiu e sonhou que ouviu uma voz que chamava-o pelo nome; no sonho ele viu o homem que o chamava e era um ser majestoso, vestido com as roupas de sacerdote, como ele estava. O homem tinha na mão uma vareta, a qual se entrelaçava uma serpente e lhe disse, apontando para o carvalho em que ele estava encostado e disse: "O'Rama esse é o remédio que procuras."

Ao acordar, ele tomou folhas da árvore e fez uma espécie de visgo e começou a curar o seu povo, ficando assim, famoso e respeitado em toda a Cítia.

Então ele passou o segredo esotericamente aos sacerdotes e lhes disse que o segredo era só da casta sacerdotal e assim foi.

Os gregos fizeram dele **Esculápio**, o gênio da medicina que sustenta a vareta mágica sob a forma de bastão.

Rama foi eleito o chefe dos sacerdotes de sua comunidade e ordenou a todos os druídas que parassem de oferecer sacrifícios humanos, o que era comum naquele tempo. Aí começou a perseguição contra ele, da parte desses druídas que foram proibidos de sacrificarem seres humanos.

Os Citas formavam uma tribo cujo símbolo era um Touro, o signo da força bruta e da violência, e passaram a perseguir Rama.

Então Rama escolheu o carneiro como o seu símbolo; um chefe corajoso e pacífico do rebanho.

Os partidários de touro diziam "morte ao carneiro" e os amigos de Rama diziam "guerra ao touro".

Diante de uma guerra destruidora, Rama exitou; então teve outro sonho, no qual Rama ouviu um gênio celeste lhe dizendo: Estou contente contigo, deu-lhe uma tocha do fogo sagrado do espírito e lhe disse "Vai." e, apontou para o Oriente.

Ele entendeu que deveria ir e ocupar o Centro da Ásia e de lá espalhasse a luz para todos os outros.

E assim ele fez.

Seu trabalho foi tão fecundo que Zoroastro o chama de "Chefe dos Povos, o muito afortunado monarca".⁷

Depois de uma vida toda dedicada ao sacerdócio, agora encanecido pelos anos, novamente lhe aparece o gênio resplandecente de luz e lhe disse: "A mim", e levou-o para uma montanha ao norte do Himalaia; e foi para um retiro no monte Albori, lugar conhecido e frequentado só pelos iniciados.

De Rama é dito que ele era Iniciado e conhecia ou sabia dos segredos da Terra e do Grande Ser. Devido a ele, os chifres do carneiro se tornaram o emblema sagrado da religião ariana. Esses chifres do carneiro também tornaram-se as insígnias da iniciação e, ainda, o poder sacerdotal e real.

A história nos diz que os chifres do carneiro são encontrados na cabeça de vários personagens dos monumentos egípcios. Também, os chifres de carneiro são ornamentos dos reis e dos grandes sacerdotes, tornando-se assim, o signo da iniciação sacerdotal e real. É nos dito que os dois cornos da tiara papal provem daí.

O famoso escritor Fabre d'Olivet, nos informa que os signos do zodíaco representam a história de Rama, conforme a tradição esotérica.

1. O carneiro que foge com a cabeça voltada para trás simboliza a situação de Rama abandonando a pátria, com os olhos fixos no país que ele deixa.
2. O touro furioso se opõe a sua marcha, mas a metade do seu corpo mergulhada no lodo o impede de executar o seu desígnio e cai de joelhos.
3. Os gêmeos exprimem a aliança de Rama com os turanianos.
4. O câncer significa suas meditações e introversões.
5. O leão representa os combates de Rama com seus inimigos.

⁷ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Rama. Livro I.

6. A virgem alada, símbolo da sua vitória.
7. A balança a igualdade entre os vencedores e os vencidos.
8. O escorpião representa a revolta e a traição sofridas por Rama.
9. O sagitário é a vingança.
10. O capricórnio,
11. O aquário e,
12. Os peixes têm relação com a parte moral de sua história.

Rama, gênio organizador, o grande iniciador dos árias criou no centro da Ásia, no Irã, um povo, uma sociedade e a religião Védica, que mistura um profundo naturalismo com um espiritualismo transcendente.

A religião Védica ensina a imortalidade da alma, a reencarnação, o respeito pelas mulheres, tornando-se a sacerdotisa do lar.⁸

3.2. KRISHNA

"Aquele que cria incessantemente os mundos é tríplice. É Brama, o Pai; é Maya, a Mãe; é Visnu, o Filho. Essência, Sabedoria e Vida. Cada um trás em si os dois outros e todos os três são um no inefável."⁹

Já dissemos que Rama, o Grande Iniciado liderou a luta da Índia pelo seu povo, os árias e dessa heroica conquista, surgiu uma das mais brilhantes civilizações de que se conhece sobre a face da terra.

Foi uma opulenta realeza, com espírito cavalheiresco para aqueles tempos remotos.

Os reis arianos da Índia eram verdadeiros nobres, conduziam seus exércitos de elefantes, cavalos e soldados, imponentes de pé em seu opulento carro de guerra.

Dizem que o rei ariano era consagrado por um sacerdote védico diante da multidão com os dizeres:

"Eu te trouxe para o meio de nós. Todo o povo te deseja. O céu é firme, a terra é firme; essas montanhas são firmes; que o rei das famílias seja firme também."¹⁰

Já vimos também que aconteceu uma grande mistura de raças com a chegada dos arianos na Índia. Por isso, pode-se dizer que a civilização hindu é análoga a uma grande montanha, que tem na base uma raça melanina, nos flancos, os sangues miscigenados e no vértice, a raça pura branca ou os arianos.

⁸ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Rama. Livro I.

⁹ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

¹⁰ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

É evidente que a pureza da raça ariana se alterou com o decorrer dos séculos, mas até hoje ela predomina nas altas classes hindus, enquanto a raça melanina tem sua predominância nas classes inferiores.

Por outra, fica assim a base étnica hindu, de um lado o gênio da raça branca que pretendia descender do sol e o outro, o gênio da raça negra que, afirmava descender da lua.

Há que se registrar aqui que, aí se destacam duas dinastias reais que se manifestaram também na religião hindu: a dinastia que se diziam filhos do Sol, estabeleceram o culto solar que emprestava ao Deus do Universo o sexo masculino. E a dinastia dos que pretendiam descender da Lua, que atribuía à divindade, o sexo feminino e adoravam a natureza.

Travou-se uma terrível luta entre os filhos do Sol e os filhos da Lua que é descrita em epopeia hindu, o MAHABHARATA, que culminou com a vitória dos filhos da Lua; com a derrota, os filhos do Sol se refugiaram nas montanhas entre os eremitas anacoretas. Os nobre reis filhos do Sol, também chamados Panduvas, levaram consigo os ritos puros de sua religião e deles se tornaram os guardiões.

Com a vitória dos Curavas, como eram chamados os reis filhos da Lua, parece que as trevas iam prevalecer sobre a luz. Mas isto não aconteceu, mesmo porque esses fatos dizem respeito à Índia no começo de sua evolução religiosa.

Logo depois, a civilização hindu iria desenvolver seu gênio metafísico e organizador na instituição do Bramanismo.

Os anacoretas que viviam nas montanhas, para onde foram os reis filhos do Sol, já haviam conquistado a honra de serem os conselheiros dos reis e eram grandemente respeitados e temidos pelo povo devido aos conhecimentos que detinham. Pode-se dizer que há séculos eram eles os verdadeiros senhores da Índia. Eles eram os herdeiros dos antigos sábios, dos ricos, e somente eles tinham a interpretação secreta ou esotérica dos Vedas; tinham, portanto, o gênio do ascetismo, da ciência oculta e dos poderes transcendentais.

Qualquer do povo ou dos nobres se dizia feliz por ser abençoado por um anacoreta, pois acreditava que assim se tornaria amigo dos Devas e; dizia-se quem maltratasse um anacoreta ou o matasse seria amaldiçoado até a terceira geração.

Então, foi daí dos Anacoretas que acolheram os reis filhos do Sol, que saiu a revolução sacerdotal que fez da Índia a mais formidável das teocracias.¹¹

Ocorreu, portanto, a vitória do poder espiritual sobre o poder temporal ou do anacoreta sobre o rei e desembocou no nascimento do Bramanismo. Tudo isso foi obra de um reformador de primeira ordem que apresentou ao mundo uma nova e poderosa ideia de imenso alcance, qual seja, a ideia do Verbo Divino ou da divindade encarnada ou manifestada no homem, esse iluminado Iniciado foi **Krishna**.

Sobre a sua concepção, o relato diz que uma virgem chamada Devaqui entrou na solidão dos gigantes bosques hindus. Foi andando, andando pelos bosques, cada vez mais indo para o seu interior, atraída pelo zumbir das abelhas melíferas, o grito dos pavões amorosos e de milhares de outras aves. A floresta alumia-se e Devaqui sente uma paz profunda e vê um lindo lago semeado de lótus e de ninfeias azuis.

¹¹ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

Percebeu que na margem além, era a morada dos santos rixis. Viu também que lá mais a distância, a cumeada branca do Monte Meru, dominava o oceano das florestas. Viu, ainda, à borda do lago, um pequeno barco e, de pé, junto dele, um homem de idade avançada, um anacoreta parecia esperar.

Devaqui entrou no barco ao sinal do anacoreta e, o barco deslizou nas calmas águas do lago, roçando nos lótus e ninfeias.

O barco alcança a margem oposta e a virgem encontra-se diante do rei dos anacoretas: Vasixta.

É dito que essa virgem era de linhagem real, irmã do rei e a ela foi dito:

"Devaqui irmã do ilustre Cansa, sede bem-vinda entre nós... Nós te elegemos para a obra da libertação, e os devas te escolheram para nós. Porque é nas entranhas de uma mulher que o raio do esplendor divino receberá uma forma humana. Súbito, o céu abria-se em abismos de claridade. Milhares de seres esplendidos a contemplavam enquanto no brilhar de um raio fulgurante lhe aparece, sob forma humana, o sol dos sóis, Mahadeva.

E, então, tendo sido fecundada pelo Espírito dos Mundos, ela perdeu o conhecimento, e, em um alheamento da terra, em uma felicidade sem limites, concebe o filho do divino... Cumpru-se a vontade dos devas. Tu concebeste na pureza do coração e no amor divino. Virgem e mãe, nós te saudamos. Um ser nascerá de ti, que será o salvador do mundo... Nossos irmãos te guiarão até os pastores que habitam no pé do Monte Meru... Lá darás ao mundo o teu filho divino e chama-lo-ás Krishna, o sagrado."¹²

3.2.1. A Juventude e a Iniciação de Krishna

A história hindu registra que foi aos pés do Monte Meru, com seu ar fresco, suas pastagens verdejantes e suas altaneiras florestas que Devaqui deu ao mundo o seu filho Krishna. O menino cresceu ali em meio aos rebanhos e seus pastores que viviam ao pé do Monte.

A vigilância da mãe era constante sobre seu filho e os pastores o chamavam de "Radiante" porque sua presença contagiava a todos com sua alegria e paz contagiante.

Krishna era destemido e era um bom filho que sempre estava aprendendo aos pés de sua genitora, que sempre lhe contava histórias do céu.

Um velho ancião anacoreta disse a Krishna "Tu degolarás então o Touro e esmagarás a cabeça da serpente"; e o abençoou estendendo as mãos.

É sabido que ele se tornou um grande e corajoso guerreiro que manjava bem a espada e o arco.

Certo dia, assentado sob um grande cedro, Krishna resolveu abandonar as lutas vãs da terra e pensou em lutar os combates celestes, no infinito dos céus; então, ele tomou sozinho o caminho do Monte Meru e partiu para a sua iniciação. A mãe de Krishna havia morrido e apenas o rei dos anacoretas Vasixta sabia que ele era filho dela.

¹² ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

O rumor das suas proezas chegou aos ouvidos de Cansa, o rei lunar, seguidor do Touro e, este desejou contratá-lo como seu guarda costa.

O rei manda dizer a Nanda, o patriarca: "Manda-me o moço herói Krishna para que o faça condutor do meu carro e meu conselheiro".¹³

O jovem guerreiro Krishna foi. E o rei de Madura, Cansa, vendo o vigor e a coragem do grande herói, o colocou como guarda do reino.

Certo dia, o rei Cansa, para quem ele trabalhava como conselheiro o chamou para ir matar o seu maior inimigo.

Krishna fustiga os cavalos e o carro, entra na floresta densa dos baobás, mas a floresta torna-se cada vez mais selvagem e terrível; relâmpagos rasgam o espaço e o trovão rouqueja ao largo. Então Krishna diz ao rei: "Nunca vi o céu tão negro e as árvores se contorcerem assim, deve ser um homem muito poderoso o seu inimigo".

Ao que o rei lhe responde com a pergunta: "Krishna, o matador de serpentes, herói do Monte Meru, terá tu medo?"¹⁴

Krishna responde que ainda que a terra trema e o céu desabe sob sua cabeça, ele não tem medo e, exclamou, deve ser um deus o seu inimigo, visto que o próprio Indra o protege.

Aí o rei confessou que seu inimigo era Vasixta, o rei dos anacoretas, e dali em diante Krishna deveria ir só. Ao que Krishna saltou do carro imediatamente e foi curioso para ver aquele que fazia o rei tremer de medo.

Depois de andar por um certo tempo, Krishna encontrou-se subitamente face a face com Vasixta, o rei dos anacoretas, que estava sentado em uma esteira, joelhos cruzados, imerso numa paz profunda. Percebeu que o velho estava cego, mas havia nele uma cintilação interior de vidente e, Krishna o reconheceu e exclamou: "É o velho sublime!"

Logo apoderou-se de Krishna uma imensa alegria e um respeito súbito fazia dobrar a sua alma e, esquecendo-se do rei, do carro e do reino, ajoelha-se ante o santo e o adora.

Vasixta parecia enxergá-lo e estende as mãos em ar de benção, enquanto pronuncia a palavra sagrada – AUM. Essa palavra sagrada significa na iniciação bramânica, O Deus Supremo, o Deus-Espírito.

Como Krishna não voltava, o rei foi ver o que acontecera. Chegando e vendo-o ajoelhado diante de Vasixta, puxou sua flecha, retesou-a com toda a força disparou uma flecha contra ele; mas tremeu-lhe a mão e o dardo foi cravar no peito de Vasixta que, com os braços abertos em cruz, parecia esperá-lo.

Krishna gritou de dor pois sentiu como se a flecha o havia atingido direto no coração, de tal maneira que sua alma se tinha identificado nesse momento com a do rixi ou Vasixta.

É nos dito "que com essa flecha aguda toda a dor do mundo transpassava a alma de Krishna, dilacerando-a até as suas profundezas."¹⁵

¹³ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

¹⁴ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

Vasixta exclamou: "Para que gritaste? O dardo não mata a alma. Triunfa Krishna. Que Brama receba minha alma, mas tu, seu eleito, o salvador do mundo, de pé!" Uma luz resplandecente o tomba por terra e sua alma unida a do velho pelo poder da simpatia, subiram ao sétimo céu junto do Pai, o Sol dos Sóis. Abriu-se um como oceano de luz e Krishna viu Devaqui, sua mãe radiosa no meio da esfera e com um sorriso glorioso o abraçou.

Aí ele percebeu que era o Filho, a alma divina de todos os seres, a Palavra da Vida, o Verbo Criador.

Quando Krishna voltou a si, "o velho sublime" estava morto e ele Krishna levantava-se como um ressuscitado. Ele compreendeu a sua missão e estava completa a sua iniciação.

Foi escolhido pelos anacoretas para ser o sucessor de Vasixta; saiu para meditar e o fez por sete anos, no alto do Monte Meru, sobre sua doutrina e descobrir qual seria a Via da Salvação da humanidade.

Ao descer do monte, estava certo de que sua natureza divina dominara a terrena e agora merece o nome de Filho de Deus; então chama a si todos os anacoretas e revela-lhes a sua doutrina.

Então, da boca de Krishna direto para os ouvidos dos discípulos, ele revela-lhes as doutrinas inacessíveis aos homens que vivem na escuridão dos sentidos.

Ensina-lhes que a alma é imortal, das suas renascenças e da sua união mística com Deus. Que o corpo é o invólucro da alma e, como tal, ele é finito, mas a alma que nele habita é imortal, é eterna. Ensina que Deus reside no interior de cada ser humano, mas são poucos os que o encontram; e que esse é o caminho da salvação, encontrar a Deus dentro de nós mesmos. E termina dizendo aos discípulos: "Eu vos entreguei o grande segredo, não os digais senão àqueles que o possam entender."¹⁶ Isso é esoterismo na melhor acepção do termo.

3.2.2. O Triunfo sobre a Morte

Logo após ter instruído seus discípulos no Monte Meru, Krishna desceu até as vilas para ensinar ao povo que se reunia em torno dele para ouvi-lo.

Ele lhes dizia: "... vocês devem retribuir o mal com o bem... seja como o sândalo que perfuma o machado que o feriu... ao humilde de coração e espírito, Deus ama... só Deus pode compreender a Deus... para aquele que nasce é certa a morte, e para aquele que morre, também o nascimento o é... assim o Vasixta foi morto por uma flecha para revelar a Krishna a verdade suprema; de igual modo, Krishna devia morrer voluntariamente para lhes plantar a fé nos corações."

Chegou o momento que Krishna sentiu que sua missão estava terminada, restava apenas o seu sacrifício como prova suprema.

Krishna reuniu seus discípulos e lhes dizia, é necessário que eu morra e isso vós só vão compreender após a minha morte. Num momento de meditação e orações, eles viram o rosto de Krishna se transfigurar e parecer que irradiava luz.

¹⁵ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

¹⁶ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

Está registrado que essas foram as últimas palavras de Krishna antes de morrer: "Vasixta, os filhos do Sol são vitoriosos... que aqueles que me amam entrem comigo na tua luz... e então, com o nome Brahman nos lábios expira."¹⁷

Dessa maneira, Krishna triunfou sobre a morte, e tornou-se o criador do culto Vixnuísta, que dá ao Bramanismo toda a sua virtude e prestígio.

Depois de Krishna houve a irradiação do verbo solar por todos os templos da Ásia, Europa e África.

É nos dito que foi através de Krishna que brotou a ideia messiânica no coração da humanidade no mundo antigo; assim como é por Jesus que ela irá irradiar por todo o mundo.

3.3. HERMES

Sem dúvida, o Egito foi no mundo antigo, uma verdadeira cidadela da ciência sagrada, uma escola dos profetas mais ilustres, um oásis e um laboratório das mais nobres e antigas tradições da humanidade.

A raça negra, sucessora da raça vermelha ou astral na dominação do mundo, fez do alto Egito o seu santuário.

Hermes Trismegisto, esse misterioso e primeiro iniciador dessas plagas egípcias, no que concerne às doutrinas sagradas, é fruto da mistura da raça negra com a raça branca nas regiões da Etiópia e do Alto Egito, muito antes da raça ariana.

"Hermes é um nome genérico e designa simultaneamente um homem, uma casta e um Deus. Homem, Hermes é o primeiro grande iniciador do Egito; casta é o sacerdócio depositário das tradições ocultas; deus é o planeta Mercúrio... em uma palavra, Hermes preside às regiões supra terrestres da iniciação celestial."¹⁸

Os gregos que ao depois se tornaram discípulos dos mestres egípcios, chamavam-no Hermes Trismegisto, ou três vezes grande, pois o consideravam como rei, como legislador e como sacerdote. Ele é o tipo de uma época remota em que o sacerdócio, a magistratura e a realeza se encontravam reunidos num só governo.

Consta dos registros históricos da antiguidade que Moisés e Orfeu sorveram do cálice das doutrinas esotéricas de Hermes Trismegisto.

Para Hermes a iniciação era uma elevação gradual do homem às maiores alturas do espírito e que para se tornar Mestre era preciso refundir o seu ser físico, moral e espiritual e, isso só ocorria quando houvesse o concurso da vontade, da intuição e do raciocínio.

E somente assim, como Mestre, o iniciado podia tornar-se um iniciador, um vidente e criador de almas.

¹⁷ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

¹⁸ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Krishna. Livro II.

Porque, acreditava Hermes, só o que se governa pode governar a outros e, só aquele que é livre pode libertar.

Por volta de 1.300 a.C., na 20ª dinastia dos faraós que governava o Egito, entre eles o faraó Ramsés, foi a época de Moisés e de Orfeu.

O Egito estava no seu apogeu como nação que dominava o mundo e suas principais guerras eram contra a Babilônia. Também, nessa mesma época, acorriam muitos estrangeiros não só para as opulentas festas e espetáculos públicos, mas também, e em grande número, com o desejo ardente de penetrar o segredo das coisas, a sede de saber; eis o que os trazia de terras longínquas.

Os postulantes à iniciação eram conduzidos ao templo de Osíris que era dirigido por velhos e majestosos hierofantes, tranquilos em sua fisionomia com um certo mistério nos olhos negros, deixavam os postulantes perturbados.

O postulante à iniciação, vindo das mais longínquas terras, estava diante de um homem a quem era impossível esconder algo.

O sacerdote de Osíris o interrogava sobre sua terra natal, sobre sua família e sobre o templo onde estudara. Se nesse primeiro exame o postulante fosse julgado como indigno de conhecer os mistérios, um gesto silencioso mas contundente e irrevogável, indicava-lhe a porta de saída.

Se, no entanto, o hierofante percebesse nele o mais profundo e sincero desejo de conhecer a verdade, pedia-lhe que o seguisse. E conduzia-o por verdadeiros labirintos de corredores internos do templo, até chegar a um lugar onde se encontrava uma estátua de Ísis, em triângulo natural, assentada e tendo sobre os joelhos um livro fechado, numa atitude de meditação, tinha os olhos vendados e lia-se sob a estátua:

NENHUM MORTAL LEVANTOU O VÉU QUE ME ESCONDE.

Esta é a porta de entrada para o santuário oculto, dizia o hierofante.

Veja estas duas colunas, "a vermelha representa a ascensão do espírito para a luz de Osíris; a negra significa sua sujeição à matéria, pecado esse que pode ir até ao aniquilamento."¹⁹

O postulante ouvia do hierofante que ao passar por essa porta, você achou a vida, quando ela se fechar você poderá recuar e lhe será imposto o mais absoluto silêncio. Logo a seguir, um mago pastóforo ou guardião dos símbolos sagrados, o acolhia com um sorriso benevolente o fazia-o entrar por uma grade de bronze e, felicitava-o por ter passado pela primeira prova.

O pastóforo o conduzia por galerias e lhe explicava os vinte e dois primeiros mistérios que eram na realidade, o alfabeto da ciência oculta que, se bem entendida, se constituíam as chaves universais para abrirem a fonte de toda a sabedoria e de todo o poder.

Era-lhe dito que cada letra e cada número que se lia junto com a letra, exprime nessa lingua uma lei tríplice com repercussão no mundo divino, no mundo intelectual e no mundo físico.

E deu-lhe o exemplo:

¹⁹ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.26.

"E assim que a letra A, que corresponde ao número 1, exprime no mundo divino: O Ser Absoluto, de que emana todos os seres; no mundo intelectual: a Unidade, origem e síntese dos números; no mundo físico: o Homem, vértice dos seres relativos, que pela expansão de suas faculdades, se eleva às esferas concêntricas do infinito. O arcano 1 era figurado entre os egípcios, por um mago de túnica branca, de cetro na mão, a fronte cingida por uma coroa de ouro. A túnica branca significa a pureza; o cetro, o poder; a coroa de ouro, a luz universal."²⁰

Mas as provas não haviam acabado; a seguir passava pela prova do fogo, na qual ele se aproximava de uma barreira de fogo e tinha a ilusão de que ia morrer queimado, pois passava pelo meio das chamas. A prova da água sucedia à do fogo. Ao passar pela prova da água, na qual era obrigado a atravessar um pequeno lago de água morta e negra, ele era recebido por dois assistentes que o enxugavam, cobriam o seu corpo com roupas de linho fino, jogavam essências raras no seu corpo e lhe diziam: "Repousa e aguarde o hierofante."

Ali deitado, vinham à sua mente todas as pinturas sagradas que havia visto durante as provas, mas uma pintura vinha repetidamente, como uma alucinação, "era o arcano X, representado por uma roda suspensa no seu eixo, entre duas colunas. De um lado subia Hemanúbis, o gênio do Bem, formoso, como um jovem efebo; do outro, Tifon, o gênio do Mal, a cabeça baixa, precipitava-se no abismo... como que envolvido em um sonho de fogo... uma mulher da Núbia... estava ali de pé na sua frente... possuía esse tipo nubiano... a sensibilidade intensa e capciosa concentra todos os poderes do animal feminino: seios salientes, lábios grossos como um fruto vermelho e saboroso..."²¹

Se o noviço fosse escravo dos sentidos, vivendo nas trevas, ele não resistia a prova e, como não podia mais retornar, encerrava-se ali a carreira dele, e ficava preso nas dependências do templo por toda a vida, sem liberdade.

Mas, ao contrário, saindo vencedor, derramava a taça e repelia a tentadora, era conduzido por doze assistentes com fachos de luz e o conduzia ao santuário de Ísis.

No fundo do templo estava a estátua da deusa Ísis e diante dela, o hierofante vestido de púrpura, recebia o noviço e o obrigava a prestar, sob terríveis ameaças, o juramento do silêncio e da submissão. Então, o agora discípulo de Ísis, em face aos grandes Mestres, sentia-se como na presença dos deuses; elevado acima de si mesmo, adentrava pela primeira vez na esfera da verdade.

3.3.1. Osíris, a Morte e a Ressurreição

Até aqui, o noviço apenas terminou a sua iniciação, tendo pela frente longos anos de estudos e aprendizado. Era entendimento dos sábios antigos que o homem só tornava um sábio, quando a verdade tornasse parte integrante do seu íntimo ou um ato espontâneo de sua alma.

Não era fácil a vida no templo, as provas eram imensas, a dúvida era uma constante em sua vida, a verdade parecia fugidia, nunca a encontrava.

²⁰ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.28.

²¹ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.30.

Até que num dado momento, a verdade lhe aparece sob a forma de uma esfinge; no entanto, a esfinge lhe dizia: "Eu sou a dúvida!"

Vez por outra, em sua angustiante busca pela verdade, ele perguntava a algum mago: "Ser-me-á um dia permitido aspirar a rosa de Ísis e ver a luz de Osíris?". Respondiam-lhe: "Isso não depende de nós. A verdade não se dá. Ou nós a encontramos em nós mesmos, ou nunca a encontramos... O lótus pousa longo tempo sobre o rio, antes de desabrochar. Não aprees a eclosão da flor divina... trabalha e ora."²²

Assim, pacientemente, decorriam-se os anos. Paulatinamente, o noviço sentia que em si estava ocorrendo uma transformação gradual, uma completa metamorfose ocorria em sua vida, de dentro para fora. No momento certo, o hierofante surgia diante de si e lhe dizia que estava chegando o instante da verdade lhe ser revelada.

Era-lhe dito que, daquele momento em diante, ele iria entrar na grande, seleta e inefável comunhão dos iniciados. Que isso se daria porque ele foi digno, pela pureza do coração, pelo amor que sentia pela verdade e pelo poder da renúncia. Mas que para isso, teria ainda que passar pela morte e pela ressurreição, mas não tenhas medo, já és um dos nossos.

O hierofante lhe mostrava um túmulo ao qual ele devia entrar e ficar ali sozinho e esperar a luz divina; teria uma noite de terror, mas atingiria o mestrado.

O adepto deitava-se num sarcófago aberto, o hierofante lhe abençoava e o deixava só, no silêncio sepulcral. Sozinho na escuridão, o frio é congelante, cai em êxtase, vê ao longe um ponto de luz sob um fundo negro. O ponto de luz se aproxima e transforma numa estrela de cinco pontas que, com todas as pontas lança raios de luz na escuridão e, então, parece ver um sol ao centro. Fica a pensar, isto é o invisível que se torna visível? É o anúncio da verdade em forma de uma estrela flamejante? É a esperança? É a imortalidade? O iniciado em êxtase vê a figura deslumbrante de Ísis vindo até ele, trazendo nas mãos um rolo de papiro e lhe diz: "Eu sou... a tua alma divina e este é o livro da tua vida... ele desperta, enfim... e, de pé, na sua frente, vê o hierofante acompanhado de magos... eis o ressuscitado, diz então o profeta, vais celebrar conosco o ágape dos iniciados e narrar-nos a tua viagem na luz de Osíris... és, de hoje em diante, um dos nossos."²³

3.3.2. A Visão de Hermes

Um certo dia quando meditava sobre a origem das coisas, Hermes adormece pesadamente. Pareceu-lhe ouvir alguém sem uma forma determinada, lhe chama pelo nome. "Quem me chamas?".

A resposta foi: "Eu sou Osíris, a inteligência suprema que a tudo posso desvendar. Qual é o seu desejo, Hermes?"

- Descobrir a origem dos seres, divino Osíris, e conhecer a Deus.

- Serás safisfeito.

²² ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.35.

²³ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.37. (Hermes)

Imediatamente, uma luz deslumbrante o inundou e, por ela Hermes pode ver as formas arrebatadoras de todos os seres. Mas, de súbito ele foi envolvido por trevas horríveis e Hermes foi submergido num caos úmido e cheio de fumaça; uma voz se levantou do abismo e ele teve uma certeza de que era o grito de luz. Imediatamente um fogo sutil se levanta das profundezas úmidas do abismo e sobe as maiores alturas etéreas e, Hermes sobe com ele e, sente-se nos espaços siderais. É como se o caos se definisse e, coros de astros reboam sobre a sua cabeça e, ouve a voz da luz que enche o infinito.

Osíris lhe pergunta: Compreendes o que acabou de ver? Não, respondeu Hermes.

"Pois bem, vai compreendê-lo. Tu acabas de ver o que constitui a eternidade. A luz que existia no princípio, é a inteligência divina que contém, em potência, todas as coisas e encerra as formas de todos os seres. As trevas em que a seguir te engolfaste, é o mundo natural em que os homens da terra vivem. Mas o fogo, que viste irromper das profundezas, é o verbo divino. Deus é O Pai, o Verbo é o Filho; a sua União é a Vida."²⁴

Ao depois, saído do êxtase, o profeta do templo passa a lhe explicar "a doutrina do Verbo-Luz, dizendo que ela representa a divindade em O Estado Estático, no seu equilíbrio perfeito e, demonstrando a sua natureza tríplice, que é ao mesmo tempo inteligência, força e matéria; espírito, alma e corpo; luz, verbo e vida. A essência, a manifestação e a substância são três termos que reciprocamente se superpõe e a sua união constitui o princípio divino e intelectual por excelência, a lei da unidade ternária, que domina de alto a baixo a criação... Os sete gênios da visão de Hermes são os sete Devas da Índia, os sete Amexaspentas da Pérsia, os sete grandes anjos da Caldeia, os sete sefiotes da Cabala, os sete arcanjos do apocalipse cristão... O adepto agora estava iniciado e consagrado sacerdote de Osíris; se fosse egípcio, ficava adido ao templo; se estrangeiro, era-lhe permitido regressar ao seu país. Mas antes de partir, prometia solenemente, por um juramento terrível, guardar um absoluto silêncio acerca dos segredos do templo... A alma é uma luz velada. Quando não cuidamos dela, escurece e extingue-se; mas quando lhe deitamos o santo óleo do amor, ela brilha como uma lâmpada imortal."²⁵

3.4. MOISÉS

Compulsando os livros sagrados do Irã, da Índia e do Egito, nos convencemos de que as ideias principais da doutrina exotérica formavam a sua base oculta, mas viva, e de que nelas se achava a alma invisível, e o princípio gerador dessas grandes religiões.

É sabido que todos os iniciadores poderosos viviam ou tiveram em algum momento de sua vida a irradiação da verdade central; mas a luz que os iluminou, foi difundida pelo mundo de acordo com a genialidade de cada um; e, também, de acordo com a missão, o tempo e o lugar de cada iniciador.

É interessante ressaltar que o princípio imaterial do Deus Supremo, que constitui o dogma essencial do monoteísmo, transita livremente no seio de todas as grandes religiões.

Pode-se afirmar que o monoteísmo esotérico do Egito nunca deixou o interior dos santuários e que sua ciência sagrada foi sempre privilégio de uma reduzida minoria. A história registra que "dois povos de um

²⁴ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.40. (Hermes)

²⁵ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Martin Claret. São Paulo: 1986. pp. 43-47. (Hermes)

gênio oposto vieram aos seus santuários acender os fachos de raios diversos, com os quais um ilumina as profundezas do céu, outro esclarece e transfigura a terra. Esses povos são Israel e a Grécia. Para a história da humanidade, a importância do povo de Israel impõe-se por dois motivos: primeiro, porque representa o monoteísmo; segundo, porque deu origem ao cristianismo."²⁶

No entanto, a providencial missão de Israel só aparece aos olhos de quem, estudando os símbolos do Antigo e do Novo Testamento percebe que eles contêm toda a tradição esotérica do passado; ainda que de forma alterada, mormente com respeito ao Velho Testamento, por vários escribas, dos quais, a grande maioria desconhecia o seu sentido primitivo.

Não há dúvida que Moisés, iniciado egípcio e sacerdote de Osíris, foi o organizador do monoteísmo, até então oculto em mistérios, saiu do mais profundo o templo para entrar na história e ganhar o mundo.

Moisés teve a coragem e a audácia de fazer do mais alto princípio da iniciação (monoteísmo) a doutrina única de uma religião nacional e foi prudente em revelar as suas consequências somente a um pequeno número de iniciados e, impondo-o pelo terror à multidão.

Para estabelecer uma região monoteísta, Moisés teve importantes precursores na pessoa de três reis nômades e pacíficos chamados Abraão, Isaque e Jacó.

Abram, Abraão, ou o pai, era o rei de Ur, cidade Caldeia, próxima a Babilônia; é o mesmo que emigrou de Ur para a terra de Canaã seguindo ao chamado do Eterno. (GÊNESIS 17:1,2,7 e 8)

O nome Isaac, pelo prefixo Is, parece indicar uma iniciação egípcia; enquanto os nomes de Jacó e José, parecem de origem fenícia.

Tudo parece indicar que esses três reis nômades pacíficos e denominados Patriarcas, fossem três chefes de povos diferentes e que viveram em épocas distantes.

E então, "muito tempo depois de Moisés, a lenda israelita reuniu-os em uma família única. Isaac torna-se filho de Abraão, Jacó o filho de Isaac. Esta maneira de representar a paternidade intelectual pela paternidade física estava muito em uso nos antigos sacerdócios."²⁷

O que se dá como certeza, é que havia um laço de fraternidade, sinais esotéricos de reconhecimento entre eles e uma finalidade entre todos os adoradores de Eloim, desde a Caldeia, a Palestina, até os santuários do Egito; faltava apenas a essa conjuração monoteísta, um organizador. É aí que surge esse organizador, Moisés.

3.4.1. Origem do nome Moisés

É seguro afirmar que o nome Moisés não se encontra em hebraico; lá encontramos a palavra Mosheh.

Então, qual é a origem e o que significa Moisés? No capítulo 2 de Êxodo, encontramos uma resposta. É nos dito que a própria princesa que salvou o garoto abandonado no rio Nilo deu-lhe esse nome, "porque

²⁶ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.46.

²⁷ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.52.

das águas o tenho tirado". Mas essa explicação não é satisfatória, pois a palavra hebraica "Mosheh" pode significar no máximo apenas "o que tira fora".

E, também, pode-se questionar de que maneira, pode uma princesa egípcia, dar o significado do nome de Moisés a partir do hebraico?

Por outro lado, existe uma corrente de estudiosos que afirmam que o nome Moisés deriva-se do vocabulário egípcio, e não do hebraico.

"É importante notar que seu nome, Moisés, era egípcio. Ele é simplesmente a palavra egípcia "mose" que significa "criança" e constitui uma abreviação da forma mais completa de nomes tais como: "Amon-mose", que significa "Amon-uma criança" ou "Ptah-mose", significando "Ptah-(deu)uma-criança."

O pai de Moisés, indubitavelmente, prefixou o nome do filho ao nome de um deus egípcio como Amom ou Ptah, e esse nome divino perdeu-se gradativamente no uso corrente, até que o menino foi chamado de "Mose"²⁸.

3.4.2. Iniciação de Moisés no Egito e Sua Fuga para a Casa de Jetro

O Faraó era Ramsés II, um dos maiores monarcas egípcios. Seu filho se chamava Meneftá, era muito tímido, curioso, mas sua inteligência era medíocre.

Já o seu primo, "Mose" era inteligente, pensativo, olhos negros penetrantes, de uma fixidez de água e de inquisidora profundidade, chamavam-no "o Silencioso".

Como Moisés era muito mais inteligente do que o filho do Faraó Ramsés II, este deu ordem aos sacerdotes Mestres que colocasse o seu filho para estudar para ser faraó e que colocasse Moisés para estudar para se tornar um sacerdote.

Nas inscrições dos monumentos das dinastias dos faraós, tem-se encontrado muitas vezes a informação de que Moisés foi um sacerdote de Osiris.

Um certo dia, em uma praça da cidade de Menfis, houve um encontro da mãe Real de Moisés e o próprio. Consta que Moisés inclinou-se diante dela, até tocar o chão e, de acordo com o costume, aguardou que ela lhe falasse.

Então ela disse: "Você vai penetrar os mistérios de Ísis e Osiris. Por muito tempo não tornarei a ver você, meu filho. Mas não esqueça que você é do sangue dos faraós e que eu sou sua mãe. Olhe ao seu redor... se quiser, um dia tudo isso pertencerá a você... Moisés, com a sua face severa e imóvel como uma face de bronze, passou um sorriso desdenhoso.

Então você quer, disse ele, que eu reine sobre esse povo que adora deuses com cabeça de chacal, de ibis e de hiena? Daqui a alguns séculos, o que restará de todos esses ídolos?"²⁹

²⁸ FREUD. Sigmund. Moisés e o Monoteísmo. Jivago Editora. Rio de Janeiro: 1969. p.20.

²⁹ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 1986. pp. 57 e 58.

E a narrativa bíblica (Êxodo 11:1-10) reconhece que Moisés foi educado em toda a ciência do Egito e depois enviado pelo seu governo, como inspetor dos judeus de Goshen.

Esse é o fato capital, de suma importância, que estabelece a filiação secreta entre a religião mosaica e a iniciação egípcia; e ainda, Moisés só criou a nação de Israel porque ele era um iniciado profundo na ciência do Egito.

Os sacerdotes deixaram registrado que Moisés atravessou magistralmente a iniciação de Ísis. Que ele era possuidor de uma alma de aço. Tinha uma vontade de ferro, tinha um espírito matemático e universal, aprendeu como ninguém a manejar os números sagrados quase ao infinito.

É dito que os sacerdotes informaram ao Faraó Ramsés II sobre essa desenvoltura de Moisés; então, temendo que Moisés aspirasse ao faraonato, em prejuízo do seu filho Meneftá, ordenou aos sacerdotes que o sobrinho Moisés fosse nomeado escriba sagrado do Templo de Osíris. Essa era uma importantíssima função que compreendia a simbologia em todas as suas formas, a cosmografia e a astronomia, mas o afastava do faraonato ou do trono.

É nos relatado que Moisés sentia orgulho da função que lhe foi atribuída; como um leão enjaulado que levanta a cabeça e olha o horizonte, sem sequer tomar conhecimento dos expectadores.

É também por orgulho que a águia presa agita de vez em quando toda a sua plumagem; e de pescoço distendido e com as asas abertas, fita o sol.

O relato diz que "um dia viu ele um soldado egípcio bater sem piedade em um hebreu indefeso. O seu coração indigna-se e, lançando-se sobre o egípcio, arranca-lhe a arma e mata-o instantaneamente. Esse ato, cometido em um ímpeto de indignação generosa, decidiu sua vida. Diz-nos que ele ouviu uma voz que lhe disse: "Vai. É o teu destino."

Para além do mar Vermelho e da península Sinaítica, no país de Madiã, que se estendia como uma faixa verde entre o golfo elamítico e o deserto da Arábia, havia um templo que não dependia do sacerdócio egípcio. O Templo era a Osíris, mas também lá se adorava o Deus soberano sob o nome de Eloim, porque esse santuário de origem etiópica servia de centro religioso aos árabes, aos semitas e aos homens de raça negra, que procuravam a iniciação... era um centro místico de um culto monoteísta... um Deus único... foi nesse lugar que Hosarsife ou Moisés se refugiou... na casa do grande sacerdote ou Reuel, o guardião de Deus que chamava-se Jetro, um homem de cor negra."³⁰

Por isso que, quando Moisés pediu asilo a Jetro, ele o recebeu alegremente; é possível que ele tivesse visto nesse jovem fugitivo, o futuro profeta dos banidos e libertador do povo de Deus.

A tarefa que Moisés tinha diante de si era escumunal, não era criar uma religião para um povo e sim, criar um povo para a religião eterna. E ele, Moisés, como sacerdote de Osíris, certamente estava preparado.

"Na época em que vivia Moisés, o Templo de Tebas (capital do reino) continha os arquivos sacerdotais da extinta raça vermelha ou atlântica e os da Igreja de Ram, cuja sede era na Índia. Moisés foi iniciado em todas essas ciências; e além disso, colheu os mistérios mais puros da raça negra no Templo de Jetro, que foi o último sobrevivente dos hierofantes dessa raça negra. Assim, a tradição oral que o célebre

³⁰ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 1986. pp.61 a 63.

legislador deixou aos setenta eleitos, continha os pontos essenciais de todas as tradições ocultas que haviam aparecido no globo terrestre."³¹

É nos dito que só se descobre a beleza no livro de Moisés, o Gêneses, se iluminado pelo clarão dos fachos tirados da iniciação de Ísis e Osíris.

Não há dúvida que o Gênesis contém a essência da tradição mosaica e a nação de Israel gira em torno de Moisés, assim como a terra gira em torno do sol.

Levando em conta a educação de Moisés acredita-se que ele escreveu o Gênesis em hieróglifos egípcios, com uma tríplice significação e entregou as chaves e a explicação, de forma esotérica, oral, para os seus sucessores.

Mais tarde, durante o reinado de Salomão, traduziram o Gênesis em caracteres fenícios; quando o povo judeu voltou do cativeiro babilônico, o escriba Esdras o traduziu em caracteres arameus caldaicos, ocasião em que os sacerdotes hebreus já não entendiam bem essas chaves.

Na sequência, vieram os tradutores gregos da Bíblia e eles tinham apenas uma vaga e fraca ideia do sentido esotérico do Gênesis.

Chegamos a São Jerônimo que, apesar de suas intenções serem sérias, quando fez a tradução latina do texto hebreu, não pode entender o seu sentido primitivo e, se o tivesse entendido, teria sido forçado a calar-se. E hoje, os intérpretes e os próprios teólogos cristãos, ortodoxos ou livres pensadores, só leem o texto bíblico através da vulgata.

Hoje em dia, através do estudo do fonetismo que trás a marca da língua sagrada dos antigos templos, pelas chaves que nos são fornecidas na cabala e, há algumas delas que ascendem até Moisés e pelo esoterismo comparado, é possível reconstruir um livro de Gênesis mais próximo daquele que Moisés escreveu.

3.4.3. A Visão do Sinai

O Monte Sinai é chamado também de o trono de Eloim, por ser uma massa sombria de granito, muito metálica ao esplendor do sol e esculpido pelos raios dos infindáveis relâmpagos.

Desde épocas remotas, o Monte Sinai era um lugar propício às visões sobrenaturais ao Eloim, ou espíritos luminosos. Moisés o subira sem medo e lá no alto teve a visão na qual uma voz lhe dizia:

"Moisés, Moisés!"

E ele responde: "Eis me aqui."

"Não se aproxime, descalce os seus sapatos porque o lugar onde você se encontra é uma terra santa... Quem é você?"

³¹ LORENZ, Francisco Valdomiro. Cabala: A Tradição Esotérica e o Ocidente. Editora Pensamento. São Paulo: p.12.

Um raio de Eloim, um anjo, um mensageiro daquele que é e será.

Que ordena?

"Você dirá aos filhos de Israel: o Eterno, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, enviou-me junto a vós para nos arrancar do país da servidão."

Quem sou eu, diz Moisés, para poder retirar os filhos de Israel do Egito?

Vá, diz o anjo, porque eu serei com você.³²

3.4.4. O Êxodo, o Deserto

O plano de Moisés era extraordinário e audacioso que homem algum jamais tentou, qual seja: arrancar um povo escravo da nação mais poderosa de então, o Egito, conduzi-lo à conquista de um país ocupado por povos mais numerosos e mais bem armados que os escravos libertos.

Moisés põe o povo de Israel em marcha pelo deserto. Em volta do profeta comandante, Moisés, há um grupo de sacerdotes presidido por Aarão, seu irmão de iniciação, a profetisa Maria. Esse grupo era o sacerdócio que foi acrescentado de mais setenta chefes eleitos ou iniciados leigos. Ao centro desse grupo vai a Arca de Ouro, que Moisés construiu inspirado na arca dos templos egípcios que servia para guardar os livros sagrados.

"A arca de Israel é franqueada por quatro querubins de ouro lembrando quatro esfinges e semelhantes aos quatro animais simbólicos da visão de Ezequiel. Um tem uma cabeça de leão, outro uma cabeça de boi, o terceiro uma cabeça de águia e o último uma cabeça de homem, simbolizando os quatro elementos universais: a terra, a água, o ar e o fogo, assim como os quatro mundos representados pelas letras do tetragrama divino."³³

Os cabalistas expressam esse nome sagrado de Deus, o insondável, em quatro letras do alfabeto hebraico, qual sejam:

Yôd, He, Vav, He

Esse tetragrama "...encobre o nome do Deus Universal em vez de revelá-lo... Também o chamam "O Inefável", ou seja, aquele que não pode ser expresso por palavras..."

Então:

- a) O Deus não pode ser definido.
- b) A descrição gráfica de Deus, feita pela Cabala é um tetragrama.

Yôd - o princípio ativo de todas as coisas, fecundado.

He - o princípio de recepção passiva (gutural).

³² ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.89.

³³ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.95.

Vav - fecundação ativa e geração.

He - o princípio de recepção passiva.

(...) o camponês que abre um buraco na terra, planta uma semente e, depois de transcorrida mais uma estação, colhe os frutos, realiza todas as quatro operações indicadas no tetragrama hebraico:

Yôd - o princípio ativo, o camponês cavando o buraco.

He - a terra, ou o elemento passivo, no qual é feito o buraco.

Vav - a semente frutífera.

He - a colheita.³⁴

A nação de Israel marcha com Moisés e agora chegam no planalto de Farã, próximo ao Monte Sinai que domina com sua imponência essa região pedregosa e vulcânica. Então Moisés anuncia de forma solene a toda assembleia do povo que ele vai subir ao Sinai para consultar a Deus e receber as tábuas de pedra, nas quais está escrita a lei que regerá a nação.

Está registrado que Moisés levou consigo apenas Josué, seu discípulo mais próximo.

Devido à demora de Moisés, quarenta dias no Sinai, o povo amotinou-se e aos gritos "Aarão, dá-nos deuses que caminhem a nossa frente, pois, quanto a Moisés, que nos fez sair do país do Egito, não sabemos o que lhe sucedeu."³⁵

Sabe-se que Aarão e os setenta anciões leigos eleitos por Moisés para guardarem a Arca, tentam em vão acalmar o povo.

O bezerro de ouro foi feito e o povo amotinado começou a dançar em volta dele e adorá-lo, como Deus.

Moisés retornou trazendo as duas tábuas de pedra, nas quais estavam escrita a lei em forma de Dez Mandamentos; porém, indignado, Moisés as quebra lançando-as ao chão.

Ainda irado, o profeta de Eloim diz: aqueles que são pelo Eterno venham a mim. Três quarta partes do povo, vêm até Moisés. Os rebeldes foram sumariamente destruídos, Moisés tinha que agir severamente, pois do contrário, como iria implantar a doutrina do monoteísmo?

E com essa atitude, Moisés é visto triunfante em todos os obstáculos, Deus está sempre a sua disposição, diz o Pentateuco.

3.4.5. A Morte de Moisés

Moisés conduziu Israel até o limiar de Canaã e, aí ele sentiu satisfeito por entender que sua obra estava terminada, que sua missão estava cumprida.

³⁴ KREMMERZ, Giuliano. Introdução à Ciência Hermética. Editora Pensamento. São Paulo: 1982. pp. 128-130.

³⁵ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 1986. pp. 96 e 97.

Ele entendeu que essa façanha só foi possível porque contemplava a face do Eterno. E sua incontida felicidade e alegria estava no fato de ele haver fundado sobre a terra, o culto do Deus Único.

Antes de sua morte que, por ele já era esperada, Moisés se pôs diante do tabernáculo, impôs as mãos sobre o seu sucessor Josué e rogou sobre ele, o Espírito de Deus, para que ungido ele pudesse conduzir o povo à vitória, dali por diante. E, depois, através das doze tribos de Israel, ele abençoou toda a humanidade.

Após ter abençoado a todo o Israel, Moisés, acompanhado apenas de Josué, subiu o Monte Nebo.

Aarão, o líder do sacerdócio, já havia morrido, bem assim, a profetisa Maria (Mírian); e, agora Moisés sabia que havia chegado a sua hora e, exclamou:

"Ó, Senhor, vivi poderoso e solitário, deixai-me adormecer com o sono da terra."³⁶

Sozinho, sentado em uma caverna no Monte Nebo, a morte estendeu as suas asas sobre ele e pousou suas mãos geladas sobre a seu coração e, ali ele morreu; não antes de ter a visão de que o verdadeiro Salvador de Israel e de todo o mundo viria no futuro, e que pelo Amor Perfeito é que Ele conduziria os seres humanos ao Pai. Então, o Legislador prostou-se diante do Redentor, e Moisés adorou a Jesus Cristo e adormeceu.

3.5. ORFEU

3.5.1. A Aparição de Orfeu

A tradição esotérica grega diz que Orfeu era filho de Apolo e de uma sacerdotisa do deus. Ele era aclamado como pai dos iniciados, salvador melodioso dos homens.

É que Orfeu não trouxe aos gregos a secreta e universal esperança, como sendo apenas uma profunda recordação dos tempos idos; ele era também, além de um grande iniciado e iniciador dos gregos, um poeta extraordinário e um poderoso músico que, sem dúvida alguma, revelava ao seu povo, a eterna verdade.

Orfeu foi contemporâneo de Moisés, cinco séculos antes de Homero e, treze séculos antes de Cristo.

A Índia estava mergulhada na idade de trevas, havia perdido o seu esplendor.

A Assíria sob a tirania da Babilônia, massacrava a Ásia.

O Egito, grandioso ainda pela ciência dos seus sacerdotes faraós, resistia bravamente para não ser decomposto, mas sua ação ficava só entre o Eufrates e o Mediterrâneo.

³⁶ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 1986. p.108.

Israel ia restabelecer no deserto, o monoteísmo e a unidade divina, porém Moisés ainda estava ensinando ao povo essas doutrinas, enquanto perambulavam pelo deserto e, também, sua mensagem ainda não tinha ganhado toda a terra.

A Grécia estava totalmente dividida pela religião e pela política. Foi nesse tempo e nessa situação, digamos caótica no mundo todo e, também na Grécia, que surge Orfeu e a sua linda história.

É nos dito que Orfeu irradiava luz por onde passava, que sua alma vibrava amorosamente na natureza, na humanidade e no Céu.

Orfeu renovou a adoração dos santuários, a tradição dos iniciados, o grito dos poetas, a voz dos filósofos e bem mais do que isto, através de sua obra, a Grécia pode ver e testemunhar eficazmente em Orfeu, uma realidade viva.

No seu tempo, a Trácia estava dilacerada pela guerra sangrenta entre os adoradores do Sol e os adoradores da Lua. Os templos dos adoradores do Sol ficavam nas mais altas montanhas, sacerdotes masculinos e leis severas; já os templos dos adoradores da Lua ficavam nas florestas, em vales profundos, sacerdotisas mulheres e leis flácidas.

Como já era de se esperar, o povo grego dava primazia ao culto lunar, conduzido pelas sacerdotisas adoradoras de divindades femininas que evocavam as paixões perigosas e as forças cegas da natureza e com divindades do sexo feminino. Esses cultos lunares se desvirtuavam a tal ponto que aceitavam sacrifícios humanos.

Os sacerdotes de Júpter e Apolo, adoradores do Sol, que tinham seus templos nas mais altaneiras montanhas, eram impotentes para lutar com os adoradores da lua e suas sacerdotisas; e não só isso, os adoradores lunares começavam a ameaçar os templos e altares dos filhos da luz, ou adoradores do Sol.

Exatamente nesse tempo, apareceu na Trácia um jovem da realeza e que seduzia maravilhosamente e, o povo dizia que ele era filho de Apolo com uma sacerdotisa do Deus.

Ele era possuidor de uma voz melodiosa, e falava dos deuses em um ritmo novo; parecia inspirado. Sua cabeleira loura e ondulada vinha até os ombros, sua música era suave e encantadora, seus olhos azuis pareciam aumentar o seu poder de solução.

De uma hora para outra, esse rapaz a quem chamavam de o filho de Apolo, desapareceu. Diz a história que ele viajou para o Egito, onde foi para ser iniciados nos mistérios, entre os sacerdotes de Mênfis.

Passados vinte anos, tendo passado por todos os mistérios, voltou com o nome de iniciação dado pelos seus mestres sacerdotes, como sinal de vitória em todas as provas e, de sua missão. Agora seu nome era Orfeu ou Arfa "o que significa aquele que cura pela luz".³⁷

Os templos dos adoradores do sol estavam abandonados, devido aos ataques surpresas dos adoradores lunares lá de baixo.

Devido a essa situação, os sacerdotes do culto ao sol, lá dos altos das montanhas, acolheram Orfeu como um sinal de respeito e de valor; assim, o iniciados nos mistérios egípcios alça voo, pela sua ciência

³⁷ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Orfeu. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.53.

e entusiasmo e, assim, arrasta a maioria dos trácios, renovando o culto dos adoradores do sol dominando o culto lunar.

Tão grande foi a sua influência que dentro de pouco tempo, penetrou em todos os santuários da Grécia. Foi ele quem consagrou a realeza de Zeus na Trácia e de Apolo em Delfos.

"Os iniciados recebiam pelo seu ensino a pura luz das verdades sublimes e essa luz chegava ao povo mais tamisada ou depurada, mas não menos benéfica, sob o véu da poesia e das festas encantadoras. Foi por essa forma que Orfeu se tornou o pontífice da Trácia, grande sacerdote de Zeus Olímpico e, para os iniciados, o revelador do Dionísio Celeste."³⁸

3.5.2. O Templo de Júpter

Está registrado na história que o Monte Caucaion, próximo às nascentes de Ebno, era há milhares de anos, considerado como um monte sagrado.

E foi no seu cume mais alto, onde o céu é sisudo e os trovões ribombam que foi construído o Templo de Zeus e, onde um certo dia o pontífice aparece imponente trazendo os símbolos de uma realeza misteriosa, vestido de linho branco, na cabeça uma coroa de mirto e cipreste; ele porta um cetro de ébano com cabeça de marfim, lhe cinge a cintura, com um cinto de ouro cravado de cristais que lançam clarões reluzentes e ardentes. É Orfeu.

É ali, onde o pontífice faz a iniciação dos seus discípulos, passando da boca do mestre para o ouvido dos discípulos os segredos dos grandes mistérios, a verdade guardada desde a mais remota antiguidade e que só é passada dessa maneira, esotericamente, para os mais qualificados e escolhidos.

Sobre os segredos de cada grau, Orfeu dizia aos discípulos: "Meu filho, fica na vereda florida da planície e não procures saber o que há para além... é necessário um longo trabalho ou grandes dores para abrir os olhos de dentro. (...) A centelha divina que nos guia sobre a terra existe em nós: ela torna-se facho no templo, estrela no céu. Assim engrandece a luz da verdade."³⁹

3.5.3. A Morte de Orfeu

As bacantes, sacerdotisas do culto lunar, haviam convencido a maioria dos reis e chefes da Trácia, para subirem ao Monte Caucaion, invadirem o Templo de Júpter e matarem seus sacerdotes, inclusive Orfeu. Então, os sacerdotes do templo reuniram-se com Orfeu e lhe disseram:

"Orfeu... filho de Apolo, nós demos a ti o cetro místico dos filhos de Deus e tu reinas sobre a Trácia pela arte sacerdotal... mil guerreiros trácios acampam junto a essa montanha... ávidos de sangue masculino... Que dizes pois a isto?"

³⁸ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Orfeu. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.54.

³⁹ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Orfeu. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.60.

"Eu sabia tudo o que me contas", respondeu Orfeu.

"E tudo isso devia realizar-se... então por que não tens feito alguma coisa para nos defender?"

"Não estou eu convosco?", respondeu docemente Orfeu.

"Sim, vieste, mas muito tarde." disse o velho. E continuou: "Não é pelas armas, mas pela palavra que se defendem os deuses... Nenhum profano transporá este recinto."⁴⁰

A história ficou registrada, que Orfeu se levantou, entregou o cetro de pontífice e a coroa de hierofante ao velho, chamou um de seus discípulos, o de Delfos e o convidou a ir com ele ao acampamento dos guerreiros trácios.

Que o sentinela trácio gritou quando Orfeu se aproximava, "Um sacerdote do templo! A que viestes?"

"Eu vim aqui para falar com os senhores e quero que saibas que os deuses do alto vos fala pela minha boca."

Orfeu fez um belo e convincente discurso perante os reis e, convenceu-os a não subirem e a não lutarem contra os sacerdotes do templo.

Nesse momento, aproximaram dois guerreiros do culto lunar e o mataram a espadas. Antes de morrer, disse: "Eu morro, mas os deuses vivem... Depois espirrou."⁴¹

3.6. PITÁGORAS

Há que se reconhecer que Orfeu foi o grande mestre da Grécia sacerdotal, enquanto Pitágoras é o grande mestre da Grécia leiga.

Ele traduz e continua o pensamento religioso de Orfeu, aplicando-o aos novos tempos. Ele fez mais, coordenou as inspirações órficas em um sistema completo e, através do seu Instituto de Educação, proveu as provas científicas e, também, a prova moral.

Devido os seus grandes feitos, Pitágoras sofreu grande perseguição na Sicília, o que custou a vida de muitos pitagóricos, uns morreram no incêndio da escola e outros morreram de fome dentro do templo.

Devido a essa horrorosa perseguição, nos é dito que: "A recordação e a doutrina do Mestre perpetuou-se apenas pelos sobreviventes que puderam fugir para a Grécia. Platão, só com grande custo e por um preço avultado, pode adquirir por Arquitas um manuscrito do Mestre, que de resto não escrevia nunca a sua doutrina secreta senão em sinais secretos sob a forma simbólica. A sua ação verdadeira, como aliás de todos os reformadores, exercia-se pelo ensino oral."⁴²

⁴⁰ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Orfeu. Martin Claret. São Paulo: 2003. pp. 81 a 83.

⁴¹ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Orfeu. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.90.

⁴² ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Pitágoras. Martin Claret. São Paulo: 2003. pp. 47 - 48.

3.6.1. Os Muitos Anos de Viagem

A cidade de Samos era, no início do sexto século antes da era cristã, uma das ilhas mais imponentes da Jônia. Também por esse tempo, Polícrates era o tirano bilionário que dominava nessa bela cidade.

No início do reinado de Polícrates, "por uma noite clara, estava um homem moço sentado em uma floresta... cerca do Templo de Juno, do qual a lua cheia banhava a fachada dórica e fazia ressaltar a majestade mística... O seu pensamento errava pelo alto, bem longe do mundo visível. Pitágoras era o filho de um rico negociante de Samos e de uma mulher chamada Pártenis. A Pítia de Delfos, consultada em uma viagem pelos jovens esposos, prometera-lhes: "um filho que seria útil a todos os homens e em todos os tempos""⁴³

O menino nasceu e quando fez um ano de idade, sua mãe, orientada pelos sacerdotes de Delfos, o levou ao Templo de Adonai, num lindo vale do Líbano, ao menos naquele tempo, e, ali, ele foi abençoado pelo patriarca e, logo após, seus pais retornaram a Samos.

Pitágoras era portador de um bom gênio, moderado e amava a justiça. Era afeito aos estudos da Ciência; convivia com os sacerdotes de Samos e, com os sábios que chegavam a Jônia para fundarem escolas que ensinavam os princípios da Física.

Ao completar 18 anos, já havia estudado com Hermóda, de Samos; com vinte anos, já havia aprendido as lições de Ferecides em Siros; e logo foi estudar com Tales e Anaximandro de Mileto.

É nos dito que de todos esses Mestres, Pitágoras sorveu muitos ensinamentos, mas nada ainda o havia satisfeito; porque, o que ele procurava, nesse labirinto de ideias contraditórias era o liame, a síntese, a verdade ou a unidade do Grande Todo.

Todas as vozes dos Mestres diziam a verdade, pensava ele, mas nenhuma lhe dava a razão da existência. Na sua mente já estava a ideia dos três mundos imutáveis e, pensava que somente alguém que encontrar a lei do equilíbrio, seria um verdadeiro sábio.

E disse mais, é na síntese dos três mundos que estava o segredo do cosmos. E, então, "pronunciando esta palavra, que acabara de encontrar, Pitágoras ergueu-se. Seu olhar fascinado cravou-se na fachada Dórica do templo... creu então ter apercebido até a imagem ideal do mundo e a solução do problema que buscava: a base, as colunas, a arquitrave e o frontão triangular do templo representavam-lhe subitamente a tríplice natureza do homem e do universo, do microcosmo e do macrocosmo, coroada pela unidade divina, que é também uma trindade."⁴⁴

Já no Egito, Pitágoras atingiu as alturas do sacerdócio, estudando os mistérios da ciência de Hermes. Ainda no Egito, já desejando retornar a Grécia, viu Cambises, o déspota persa, invadir e dominar a terra dos faraós. Cambises tomou conhecimento da sabedoria de Pitágoras, o prendeu e o fez transportar a Babilônia, e mais alguns dos sacerdotes egípcios e os internou nos templos babilônicos. Pitágoras agora tinha a oportunidade de se preparar ainda mais, pois entrou em contato com os sábios de três antigas religiões, do alto sacerdócio babilônico: os antigos sacerdotes caldeus, os sacerdotes sobreviventes do magismo persa e a elite dos sacerdotes do cativeiro judeu.

⁴³ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Pitágoras. Martin Claret. São Paulo: 2003. pp. 51 - 52.

⁴⁴ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Pitágoras. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.55.

Agora, iniciado nos antigos arcanos da magia, através dos mestres herdeiros de Zoroastro, ele que já era iniciado nas Ciências de Hermes (Egito), certamente Pitágoras, o filho de Samos, sabia mais de física que qualquer mestre de seu tempo.

Então, ele retorna a Grécia para cumprir sua missão e iniciar ali a sua grandiosa obra: de formar "homens e mulheres iniciados, elas seriam verdadeiras mães e eles puros heróis."⁴⁵

3.6.2. O Templo de Delfos

Pitágoras retorna a Grécia e só foi a Delfos depois de ter feito uma verdadeira peregrinação por todos os templos gregos.

Havia entre o sacerdócio de Apolo, uma moça sacerdotisa, de nome Teocleia, que herdara de sua família, a dignidade do sacerdócio. Como clarividente, ela sentia, percebia que os sacerdotes de Apolo, não eram portadores da luz suprema que ela almejava.

É nos dito que essa moça sentiu sua alma agitar profundamente quando viu o mestre Pitágoras pela primeira vez. E, desde que o ouviu falar com eloquência entre as colunas do Templo de Apolo, Teocleia teve a certeza de que estava diante do iniciador que esperava e, reconheceu em Pitágoras o seu Mestre.

De igual modo, o grande mestre, a reconheceu como a alma viva e vibrante que procurava para tornar a intérprete do seu pensamento, no templo, insuflando-lhe um espírito novo."⁴⁶

Pitágoras era jovem, no vigor da idade, fazia longas palestras para os sacerdotes de Apolo, chamados santos e profetas e certa feita pediu a eles que aceitassem no seu meio, a sacerdotisa Teocleia, para que fosse por ele iniciada nos mistérios secretos para melhor cumprir a sua missão.

Além de ser um exímio pregador, os conhecimentos, os títulos e os poderes que adquiriu com sua iniciação nos templos egípcios e babilônicos, conferiu-lhe a máxima autoridade e, realmente falava como superior e guia de todo o sacerdócio de Apolo.

Teocleia o ouvia atenciosamente e gravava no cérebro com força de fogo ardente e, fazia-a ler e entender o Universo como se tivesse lendo um livro. Ouvindo o Mestre, Teocleia absorvia suas doutrinas com silenciosa paixão concentrada, a ponto de ter visões durante as palestras.

Pitágoras ficou ali no Templo de Apolo, em Delfos, pregando e ensinando e, só se retirou depois de ter dado ao Templo de Apolo, uma pitonisa inspirada, Teocleia, e vários sacerdotes nas ciências e nas artes divinas e, então, dirigiu-se para a grande Grécia.

3.6.3. A Ordem e a Doutrina de Pitágoras

⁴⁵ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Pitágoras. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.65.

⁴⁶ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Pitágoras. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.85.

Cretona era uma das cidades mais florescentes da Itália meridional; mas estou convencido de que a sua maior glória, foi ter dado abrigo a grande escola de filosofia esotérica, nominada de Seita Pitagórica.

Há registros de que essa escola é a mãe da escola platônica e de todas as escolas filosóficas idealistas.

O objetivo de Pitágoras era ensinar sua doutrina esotérica a todos os jovens e, ainda, aplicá-la à vida do Estado. Por isso, ele foi acusado de conspirar contra o Estado.

Pitágoras era um mestre de primeira grandeza, suas doutrinas, ele as ensinava com graça, com sabedoria; era gracioso na sua comunicação, a ponto de as mulheres lhe chamarem de Júpiter e os homens o chamavam de Apolo.

A história deixou registrado que ele cativava, encantava e arrastava as multidões para ouvir a verdade. Devido a essa sua força atrativa, o senado de Cretona o intimou para explicar os meios que empregava para atrair a multidão.

"Foi essa, para ele, uma ocasião de poder desenvolver as suas ideias sobre a educação e de demonstrar que, longe de constituírem uma ameaça para a Constituição Dórica de Cretona, elas não faziam senão firmá-la."⁴⁷

É claro que depois de ouvir a defesa de Pitágoras, o senado de Cretona adotou entusiasticamente, o projeto de educação dele, e assim nasceu o Instituto Pitagórico que, se tornou ao mesmo tempo, um Colégio de Educação, uma Academia de Ciência e, ao mesmo tempo, uma pequena cidade-modelo, sob o comando de um grande iniciado.

Seu Instituto brilhava sobre a colina, entre os ciprestes e as oliveiras, e era a branca moradia dos iniciados.

Pitágoras era muito rígido na admissão dos novos alunos e, os obrigava a passar por vários graus de aprendizado, com as provas ficando mais difíceis a cada grau, num total de quatro.

Pode-se dizer que Pitágoras fez incluir em suas doutrinas, a moral, a ciência e a religião; essa síntese nada mais é do que a doutrina esotérica que temos procurado em toda a sua luz no próprio fundo da iniciação pitagórica.

E estamos certos de que no fundo da doutrina esotérica de Pitágoras brilha o sol de verdade.

3.7. PLATÃO

"Os homens chamavam de Eros ao Amor porque ele tem asas; aos deuses chamavam de Ptéros, porque ele tem a virtude de dá-las."⁴⁸

Sou adepto a corrente de sábios que afirma que Pitágoras foi o maior iniciado da Grécia, deixando atrás de si, o fundo primordial e universal da verdade religiosa e filosófica. Mas, também estou entre aqueles

⁴⁷ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Pitágoras. Martin Claret. São Paulo: 2003. p.93.

⁴⁸ PLATÃO. O Banquete. São Paulo: Editora Riddel. 2005. 94pp.

que defendem a ideia de que Platão foi entre todos os sábios aquele que mais soube imprimir a essa verdade, uma feição mais popular e mais acessível. Por isso, ele tem o seu lugar de destaque entre Os Grandes Iniciados. Em uma bela analogia ao dia, pode-se afirmar sobre a Grécia que, Orfeu é o seu iniciado do amanhecer radiante e glorioso, Pitágoras é o seu iniciado do meio dia, com o sol a pino; e Platão é o seu iniciado do entardecer que resultou uma nova alvorada não só para a Grécia, mas também para toda a humanidade.

Platão era o descendente de uma família nobre e, portanto, possuidora de grandes riquezas. Nasceu em Atenas, cresceu e se desenvolveu ao pé da Acrópole, protegido pela deusa Palas Atena, nessa planície emoldurada de montanhas, onde dorme tranquila, a baía de Eleuses.

A história registra que Platão nasceu no ano 429 a.C., mesmo ano em que Péricles morreu, o maior estadista da Grécia, que num de seus mais famosos discursos, afirmou:

"O túmulo dos heróis é o universo inteiro, e não se apoia em colunas carregadas de inscrições faustosas."⁴⁹

Platão era esse tipo de herói, ora um ser humano muito doce, tão aberto para o conhecimento e o mundo, e ora como a abóbada do céu sobre a Acrópole.

Ele era de elevada estatura, espáduas largas que lhe renderam o nome de Platão, era grave, sereno e na maior parte do tempo, silencioso.

No entanto, é nos dito que quando ele começava a falar, contagiava a todos com sua sensibilidade e, com a doçura de suas palavras que sempre eram pronunciadas na medida certa e com a intenção de falar só a verdade.

Seu interesse maior era só pelas verdades eternas, o Amor e a Harmonia faziam morada no profundo do ser do filósofo de Atenas. Sua busca pela verdade e pelo belo era incessante e, para tanto, ele foi filósofo, pintor, músico e poeta. Aos vinte e sete anos, Platão se encontrou com Sócrates, e o ouviu falar sobre o justo, o belo, o bom, o verdadeiro.

Depois de ouvir o estagirita, por duas semanas, havia passado por uma transformação completa em seu espírito. Agora, um novo Platão havia nascido dentro de si, sob as sábias e eloquentes palavras do "parteiro das almas". A partir desse momento, o novo Platão consagrou toda sua vida a procura da sabedoria e da verdade, através da Filosofia.

É bom que se diga que na Grécia ou na civilização helênica, nunca houve conflito entre a filosofia e a religião; diferente de nossa civilização, que destruiu o esoterismo cristão no segundo século de nossa era.

Pode-se afirmar, portanto, que a doutrina esotérica constituía, em liame ou um laço entre a filosofia e a verdadeira religião.

Pode-se dizer, ainda, que Platão recebeu de seu Mestre Sócrates, o grande impulso, o princípio vital e viril de sua vida, a sua fé na justiça, na verdade e o amor pela sabedoria.

⁴⁹ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Platão. Martin Claret. São Paulo: 2012. p.46.

Após a morte do grande mestre, Platão viajou para a Ásia Menor, para o Egito e foi iniciado nos mistérios de Ísis; embora não tenha atingido como Pitágoras o grau superior, mas foi até o terceiro grau, que conferia ao iniciado, a perfeita lucidez intelectual e a realeza da inteligência sobre a alma e o corpo.

Depois, mudou-se para a Itália Meridional para entrar em contato com os Pitagóricos que o ensinam muitas coisas, menos aquelas que pertenciam ao grau superior; é muito fácil ver a relação de alguns ensinamentos de Platão com os de Pitágoras dentro dos mistérios esotéricos.

Pode-se citar, entre outros, a sua doutrina das Ideias ou das Formas, como expostas no seu diálogo Fedro, é como que um Corolário ou uma dedução da doutrina dos Números de Pitágoras.

Nos diálogos Timeu, Banquete, Crítias e Fedro encontramos pela ordem, exposição sobre a cosmogonia esotérica; e sobre a doutrina da alma, das suas migrações e de sua evolução.^{50 51}

Platão foi genial ao substituir a doutrina dos Três Mundos, de Pitágoras, pela sua doutrina baseada em três conceitos; a ideia do Verdadeiro, do Belo e do Bem, que lançou sobre o mundo, poderosas correntes de luz.

Ele explica uma pela outra e demonstra claramente que esses conceitos ou ideias são como três raios de luz partidos do mesmo foco e que, juntando-se, reconstituem o mesmo foco, que é Deus.

Platão traz em sua bagagem, os mistérios auridos de Hermes, Orfeu e Pitágoras, e com isso, ele nos dá a justificação e a razão de ser do Idealismo, que é a afirmaçãoarrojada de verdades divinas para a alma.

Dentro do seu idealismo, ele nos diz que no céu aprende-se vendo; e na terra, aprende-se lembrando.

Para Platão, o Ideal é uma moral, uma filosofia, a Iniciação é uma ação, uma visão do mundo, uma presença sublime da verdade; o Ideal é a saudade da pátria divina; a Iniciação é o templo dos eleitos.

Ao criar a categoria do Ideal, o iniciado Platão criou por consequência um refúgio, ou abriu o caminho para a salvação para milhares de pessoas que não podem alcançar a iniciação direta, como os grandes iniciados, mas que almejam e procuram incansavelmente a verdade.

E só isso já nos explica a imensa e universal popularidade e a força radiante da filosofia platônica.

A título de exemplo, afirmam os estudiosos que os primeiros Padres da Igreja renderam homenagens a Platão e, que o Santo Agostinho deve a ele, dois terços de sua Teologia.

Até nos nossos dias, os ensinamentos platônicos estão em nosso espírito de forma "simples e modesta, mas irradiando eterna juventude, ele estende-nos o ramo sagrado dos mistérios... que promete a divina renascença de uma nova Elêusis."^{52 53}

⁵⁰ PLATÃO. Diálogos. Fedro, O Banquete e Timeu e Crítias.

⁵¹ WESTCOTT, W. Wynn. O Números. Seu poder oculto e suas virtudes místicas. Editora Pensamento. São Paulo: 102p.p.

⁵² ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Platão. Martin Claret. São Paulo: 2012. p.66.

⁵³ WRIGHT, Dudgey. Os Ritos e Mistérios de Elêusis. Madras Editora Ltda. São Paulo: 2004. 98 p.p.

3.7.1. Os Mistérios de Elêusis

Ressalto aqui, que não se vai, nesse trabalho, aprofundar nos mistérios de Elêusis, mas apenas destacar algumas peculiaridades.

Sabe-se que os mistérios de Elêusis foram bastante venerados na antiguidade greco-latina.

Acredita-se que tais mistérios surgiram, quando em tempo imemorial, uma comunidade grega egressa do Egito, trouxe à baía de Elêusis o culto da deusa Ísis, sob o nome de Deméter, ou Mãe Universal. E a nós é dito quem dirigiam aos pequenos e aos grandes mistérios eram a mãe Ísis ou Deméter e sua filha Perséfone, o que certamente angariavam o tremendo sucesso para os mistérios.

Era uma espécie de iniciação que representava, simbolicamente, a história da alma, sua descida à matéria, do seu sofrimento na escuridão do esquecimento e da sua reascensão e regresso à vida divina.

Por outra, era a forma resumida dos helênicos contarem o drama da queda e da redenção da alma. Diz-se que no final dos mistérios desciam sobre os iniciados uma paz, uma felicidade nunca vista ou sentida antes, era uma sensação sobre-humana de harmonia que invadia o coração dos iniciados.

Platão dizia que essa paz e essa felicidade era sentida no coração de cada iniciado, de acordo com o grau de cultura e conforme a capacidade intelectual de cada um.⁵⁴

De resto, afirma-se que devido à profundidade de sua doutrina sagrada, devido também ao esplendor do seu cenário, os Mistérios de Elêusis perduraram até o terceiro século depois de Cristo.

E mesmo assim, foi preciso um edito do Imperador Constantino, que se dizia convertido ao cristianismo, ordenando destruir o Templo de Elêusis para pôr fim a esse culto augusto, em que a sabedoria grega soube incorporar os mais sublimes ensinamentos e as mais altas doutrinas dos Grandes Iniciados, Hermes, Orfeu, Pitágoras e Platão.

3.8. JESUS

Pode-se afirmar sem sombra de dúvida que o nascimento de Jesus significa o ponto central, a incandescente pira da história.

Jesus provém, digamos do coração de Deus, para chegar até o coração do homem e recordar à terra, e ao homem, filho de Deus, sua gênese celeste; vejam como andam juntas a esfera celeste, terrestre e humana, na evolução do ser humano.

As raças que representavam, naquele tempo do nascimento de Jesus, a vanguarda humana, eram a greco-latina e a judaica.

⁵⁴ PLATÃO, Fédon. Diálogo sobre a Alma e Morte de Sócrates. Martin Claret. São Paulo: 2005. 151 p.p.

Com Jesus Cristo nascia o "Cristianismo, descido das alturas, através de todas as esferas, deveria manifestar-se no mundo físico para transfigurá-lo, espiritualizando-o e oferecer ao indivíduo e à coletividade a imediata consciência de sua origem celeste e de seu objetivo divino."⁵⁵

Cristo veio até a humanidade, nascendo de Maria, uma mulher da nação judaica, adoradora de Javé. É que Moisés antes trouxera a doutrina do monoteísmo para essa nação, tendo a difícil missão de juntar os ibirimos e beduínos nômades para formar o povo de Israel. Moisés foi iniciado no Egito, protegido por Javé, impõe-se sobre o povo por palavra, armas e fogo, a doutrina do Deus Uno.

Morrendo Moisés, a nação de Israel mantém intacta a ideia do Deus Único, mesmo com os ataques das nações idólatras ao seu redor. Antes de morrer, já moribundo, anunciou o Salvador Vindouro, o rei justo, profeta e purificador do universo, Jesus.

Sob o reinado de Herodes, representante do jugo romano, o povo judeu estava em perigo, sofrendo dura escravidão e almejava de todo o coração, o libertador anunciado por Moisés.

Parece que o momento havia chegado, pois Israel apresenta o espetáculo, deprimente e desconcertante, de um povo pisoteado pelo destino, sem liberdade, esmagado em sua soberania e, para salvar-se, esperava a encarnação de Deus.

Deus encarnou, veio Jesus; de igual modo, hoje os filhos de Deus, o Israel espiritual, aguarda e clama pela segunda vinda de Cristo.

É interessante que os iniciados haviam pressentido e anunciado a vinda do Messias, muito tempo antes.

Quando os fariseus interrogam Jesus sobre a sua missão, Ele respondeu: "Antes de Abraão, eu existia."

Quando os apóstolos demonstravam dúvida e temor sobre a morte do Mestre, Ele respondeu algo que jamais homem algum disse: "Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão."

"Para a tradição esotérica, Cristo é uma entidade sobre-humana, um Deus no amplo sentido da palavra, a mais alta manifestação espiritual conhecida pela humanidade. Mas, para a tradição oficial eclesiástica, Cristo, segunda pessoa da Trindade, abandonou o seio do Pai apenas para encarnar-se na Virgem Maria."⁵⁶

A tradição esotérica do ocidente considera Cristo como o rei dos gênios solares e a tradição rosacruziana diz que Cristo é o espírito que falou ao mundo, pela boca do Mestre Jesus.

Por outra, Cristo é o Espírito Sublime que encarnou-se em um homem, é o Verbo solar que desceu em um corpo humano e isso ocorreu no homem Jesus!

Foi necessário que cumprida a sua missão, Jesus triunfasse sobre o mal pelo amor infinito e sobre a morte, pela esplendorosa ressurreição.

O evangelista São João disse "o Verbo foi feito carne e habitou entre nós e vimos a sua glória, cheia de graça e verdade." Essa é a razão cósmica, segundo o esoterismo, da encarnação do Verbo solar.

⁵⁵ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Jesus. Ayom. São Paulo: 2014. p.p. 15 e 16.

⁵⁶ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Jesus. Ayom. São Paulo: 2014. p.p. 18, 19.

3.8.1. O Mestre Jesus

Para aqueles que querem por em dúvida a historicidade do Mestre Jesus, pode-se afirmar que é uma tentativa vã, pois a sua força e veracidade, residem na unidade da pessoa e da doutrina que dela emanam. E, ainda, a palavra de Jesus "mudou a face do mundo e a possibilidade de uma nova vida que pode ainda evocar em cada um de nós."⁵⁷

E mais, o que se impõe a nós, ainda hoje, é a figura preponderante e incomparável grandeza espiritual de Jesus que ressurge dos Santos Evangelhos e da consciência humana, cada vez mais cheio de vida.

Cada um dos Evangelhos apresenta características diferentes de Jesus; cada um deles corresponde a um grau distinto de Iniciação e apresenta-nos diversamente a natureza do Mestre.

Assim, Mateus e Lucas descrevem-nos a natureza humana do fundador do Cristianismo; Marcos e João descrevem-nos, acima de tudo, a natureza espiritual ou divina de Jesus Cristo.

O esoterismo ensina que Cristo não poderia ter encarnado diretamente no ventre de uma mulher, pois ele mataria a sua mãe, assim como Jupter matou a Sêmede, mãe do segundo Dionísio.

Por isso, era necessário um corpo já adulto para encarnar-se, mas esse corpo deveria ter um alto grau de perfeição e pureza, para ser digno do arquétipo humano ou do Adão primitivo.

Então, diz o esoterismo, "este corpo, eleito entre todos, foi outorgado à pessoa do Mestre Jesus, filho de Maria."⁵⁸

O evangelista São Mateus nos informa que o divino Salvador nasceu em Belém e que só os pastores ouviram o coro angelical que descia do céu engalanado de estrelas reluzentes.

Logo ao depois, o infante divino recebeu a visita de três magos do Oriente, trazendo os seus presentes para o nascituro Salvador.

Os presentes para o recém-nascido Jesus, ouro, incenso e mirra, simbolizando sabedoria, compaixão e força de vontade lhe foram entregues pelos três magos do Oriente, não antes deles terem se prostrado e adorado o divino infante.

Os esotéricos dizem que esses magos do Oriente eram discípulos de Zoroastro que, seguindo uma velha tradição que havia entre eles, que dizia que o seu Mestre (Zoroastro) devia reaparecer no mundo, com o nome de Salvador e viria para restabelecer o reinado de Ormuz.

É nos dito que por séculos, os iniciados do Oriente, sustentavam esta profecia da vinda de um Messias, que finalmente se cumpriu na pessoa daquele nascido na manjedoura de Belém, Jesus.

⁵⁷ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Jesus. Ayom. São Paulo: 2014. p.24.

⁵⁸ ÉDOUARD SCHURÉ. Os Grandes Iniciados. Jesus. Ayom. São Paulo: 2014. p.29.

A família terrena de Jesus o protegeu na infância e na adolescência com uma vida simples e piedosa. Então, sua alma desdobra sobre si mesma e não encontrou barreiras para sua expansão, assim como os lírios silvestres entre as ervas da Galiléia.

O evangelista São Lucas nos relata um episódio da vida do adolescente Jesus que evidencia o amadurecimento dos seus pensamentos. Numa festa religiosa em Jerusalém, seus pais terrenos, José e Maria o perderam no templo e, voltando para procurá-lo, o encontra entre os sacerdotes, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas as mais pertinentes. Os pais ansiosos, recebeu de Jesus a resposta: "Não sabeis que nos assuntos do meu Pai me convém estar?"⁵⁹

3.8.2. O Batismo de Jesus no Jordão

Os Evangelhos guardam profundo silêncio sobre a vida de Jesus dos treze aos trinta anos; mas a tradição esotérica dos teósofos da antiguidade afirma que somente os essênios, última confraria que guardava as tradições do profetismo e, que habita as margens do Mar Morto, podia iniciar o Mestre Jesus.

O filósofo Fílon de Alexandria era judeu de nascimento, do primeiro século, foi o primeiro pensador a tentar conciliar o conteúdo bíblico à tradição filosófica do Ocidente.

Fílon deixou registrado que os Essênios eram conhecidos como terapeutas ou curadores, através dos poderes do Espírito; querendo dizer que os Essênios eram médicos da alma. E mais, foi ali no vale do Jordão, região fértil naquela época que Jesus foi iniciado, pelos Essênios, na tradição profética de Israel e nas profecias dos magos babilônios e de Hermes sobre o Verbo Solar.

É nos dito que dia e noite, o Mestre Jesus lia a história de Moisés e dos profetas, mas obteve consciência de sua extraordinária missão através da oração, meditação e iluminação do espírito.

E, ainda, quando Jesus lia no Gênesis "Elohim disse: Faça-se a Luz! E a Luz se fez – Elohim separa a Luz das Trevas." diz que Jesus estava vendo os mundos nascerem, o Sol e todos os planetas.

Em um certo dia, dois essênios que voltavam do Jordão anunciaram que João Batista pregava o arrependimento às margens do rio e, aos arrependidos dentre os ouvintes, ele batizava no Rio Jordão. E não só isso, mas o pregador do deserto também anunciava a vinda do Messias: "Eu vos batizo com água. Aquele que virá vos batizará com fogo" e a notícia se espalhava por toda a Judeia, como fogo se espalha pelos campos ressequidos.

Imaginem a seguinte cena, era uma linda e serena manhã, o Mestre Jesus passeava pela bela praia de Ein Gedi com o já centenário patriarca dos essênios. Então, num dado momento, disse Jesus ao chefe da confraria: João Batista está anunciando a chegada do Messias. Quem será ele? O ancião fitou o grave discípulo por algum tempo e, então, disse: Por que me perguntas se já o sabes?

Disse Jesus, quero escutar dos seus lábios. Ao que respondeu o patriarca: Pois bem. Serás Tu. Preparamos-te por dez anos. A tua alma está iluminada, falta porém a ação da tua vontade. Estás pronto? Sem pronunciar palavras, Jesus abriu os braços em forma de cruz e inclinou a cabeça. Então, o

⁵⁹ Bíblia Sagrada. Evangelho de São Lucas, cap. 2: 41-52.

velho patriarca dos essênios prostrou-se ante o discípulo e beijou-lhe os pés e lavou-os com uma torrente de lágrimas.

Quando o velho centenário terapeuta (essênio) se levantou, Jesus disse: estou pronto. Ao que o encanecido ancião lhe disse: Vai ao Jordão, João o aguarda para o batismo; Vai em nome de Adonai. E o Mestre Jesus partiu na companhia de dois jovens essênios. Chegados à margem do Jordão, o pregador vestido de pele de camelo os viu; não conhecia nenhum deles, pelas suas vestes brancas, João sabia a qual ordem eles pertenciam, eram essênios. O mais jovem dos três dirigiu-se ao Batista dizendo: O patriarca dos Essênios roga a João, o profeta, que batize o nosso irmão eleito, Jesus de Nazaré.

João Batista ficou sobressaltado de respeito ante a majestade do desconhecido de elevada estatura, belo como um anjo que se dirigia a ele, com os olhos baixos.

Então, o Batista sem se dar conta ainda do sublime mistério que iria officiar, o toma pela mão e imergindo-o nas águas do Jordão, o batizou. Quando João o levantou das águas, ficou arrebatado no seu espírito, porque viu uma imensa auréola que pairava sobre o corpo de Jesus. E concomitantemente, viu uma milagrosa aparição, viu pairar sobre sua cabeça, uma pomba de luz incandescente, semelhante a prata fundida que acaba de saindo crisol, era o Espírito Santo.

Ouviu-se uma voz retumbante que dizia: "Eis meu filho bem amado. Hoje eu o gerei."

Essa versão é a que aparece no primitivo evangelho hebreu e nos antigos textos dos sinóticos.

Mais tarde, essa versão foi substituída pela que se lê hoje: "Este é meu filho muito amado em quem coloquei todo o meu afeto." Somente aí, João Batista reconheceu em Jesus, o Messias Prometido.

3.8.3. A Tentação de Jesus

Jesus Cristo é Deus completamente encarnado em corpo de homem. É maravilhoso pensar que por suas sensações, submerge na carne e por seus pensamentos nos eleva a Deus.

É nos dito que antes de sair para o seu efetivo ministério, Jesus se dirigiu ao deserto, onde ficou por quarenta dias jejuando e orando. São Mateus nos informa que ao final dos quarenta dias de jejum, Satanás o tentou em três provas, assim:

1ª Satanás submete a Jesus Cristo sucessivamente à tentação dos sentidos (pela fome).

2ª Pelo temor, mostrando-lhe o abismo em que intenta jogá-lo.

3ª Pelo poder absoluto, oferecendo-lhe todos os reinos do mundo.

Jesus saiu vitorioso, pela palavra da verdade.

3.8.4. O Ministério de Jesus

Em suas pregações, Jesus dosou a verdade segundo o nível das pessoas que o ouviam.

Falava por parábolas e certa feita, questionado pelos apóstolos, por que falava ao povo por meio de parábolas, Jesus respondeu: "Porque a vocês é dado conhecer os Mistérios dos Reinos dos Céus. Mas a eles não é dado. Porque ao que já tem mais se dará. Mas ao que não tem até o que tem lhe será tirado."⁶⁰

Por outra, a verdade consciente ou cristalizada pelo pensamento, não pode ser destruída e converte-se em atração para as novas verdades; enquanto a verdade flutuante e instintiva esteriliza-se e, é desperdiçada pelas muitas impressões.

Em outras palavras, Jesus Cristo pregava exotericamente para o povo e guardou sua doutrina esotérica para os apóstolos "Mistérios do Reino dos Céus".

3.8.5. A Transfiguração de Jesus

Depois da morte de João Batista, por ordem de Herodes, Jesus compreendeu que sua hora estava próxima. Jesus entendia a sua Missão, mas preocupava-se em saber se os seus discípulos a haviam compreendida.

Pois, era franco e notório que a maioria esmagadora do povo, esperava que o Messias fosse um rei dominador que libertasse o seu povo através de luta armada.

Sobre esse tema, o evangelista São Mateus nos dá um relato significativo dizendo que "Jesus chamou Pedro, Tiago e João, seu irmão, e conduziu-os ao topo de uma montanha. E diante deles, transfigurou-se."⁶¹

É declarado que seu semblante resplandecia como o Sol, bem assim também, as suas vestes e, apareceram ali, diante deles, Moisés e Elias.

Ao mesmo tempo, eles foram envolvidos por uma nuvem resplandecente e dela ouviu-se em voz destacada "Eis o meu Filho bem amado em quem eu coloquei o meu afeto. Escutai-o." Assustados, os discípulos caíram de bruços ao solo, com um medo apavorante.

Calma e bondosamente, Jesus se aproximou deles e disse: "Levantai-vos. Deixai o medo de uma vez."⁶²

3.8.6. Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus

O ministério fecundo de Jesus durou três anos, andando, pregando e curando tanto o corpo quanto a alma dos necessitados.

⁶⁰ Bíblia Sagrada. Evangelho de São Mateus, cap. 13: 10-11.

⁶¹ Bíblia Sagrada. Evangelho de São Mateus.

⁶² Bíblia Sagrada. Evangelho de São Marcos, cap. 17: 1-8.

Mas agora, tendo completado a sua missão, voluntariamente ante os olhos atônitos de seus discípulos, deixa-se prender por seus inimigos, sem resistir a nenhum dos piores ultrajes, ao suplício e à morte.

Quase quinhentos anos antes, Platão, este prodigioso filósofo e modesto iniciado, que estabelece uma transição entre o gênio helênico e o cristianismo, disse inspirado que, "Crucifica-se a alma do mundo sobre a trama do universo em todas as criaturas e aguarda a sua libertação."⁶³

Jesus reuniu seus discípulos, num lugar costumeiro, no Monte das Oliveiras e anunciou-lhes a sua morte iminente. Ficaram consternados. Era dia da Páscoa e, Jesus providenciou a ceia de despedida, em uma modesta casa em Jerusalém. O ambiente está envolto em tristeza. Jesus rompe o silêncio e diz: "Em verdade vos digo que um de vós me trairá nesta noite."

Os discípulos perguntavam: Quem? Quem? E, Jesus assinalando Judas, que aperta sua bolsa convulsivamente, complementa, sem ódio e sem medo: "Vai e faz o que estás para fazer."

Então, Jesus toma o pão, reparte-o e dá aos seus discípulos "Tomai... comei, esse é o meu corpo... bebei... esse é o meu sangue"

Jesus se levanta e diz aos seus discípulos, vamos orar no Getsemani e, eles o seguiram de dois em dois, em profundo silêncio.

Extenuados dormem os apóstolos e, Jesus ora e sua fronte cobre-se de suor e sangue. E, finalmente, brilham armas e tochas por entre as árvores e, então, aparece Judas com os soldados e prendem a Jesus, não antes do beijo de traição de Judas, conforme combinado com a soldadesca.

A seguir é julgado, vilipendiado de todas as maneiras e, após, conduzido ao Gólgota e é crucificado.

Passou três dias na sepultura e, após isto, ressuscitou dos mortos.

A ressurreição de Jesus Cristo é a prova da ressurreição das almas e de sua fé na outra vida.

Ressurreto, Jesus aparece primeiro a Maria Madalena que foi ao sepulcro no domingo de manhã a quem incumbe de avisar aos apóstolos que Ele havia ressuscitado.

Depois aparece a Pedro e João, nas praias do lago Tiberíades, preparando-os para a difícil missão.

Por fim, aparece aos seus, pela última vez, sobre a montanha da Galileia, ordena-lhes: "Ides e pregai o Evangelho por toda a parte... Eu estarei convosco até o fim do mundo." Assim foi a solene despedida do Grande Mestre e o testamento do Rei dos Reis.

Como disse Hegel, "(...) A grande obra de Deus na história foi a missão de Jesus Cristo de reconciliar Deus e a humanidade."⁶⁴

Sem dúvida, com a ressurreição de Jesus Cristo, acendeu no coração do ser humano a esperança imortal, a certeza da salvação, abriu-se o caminho da terra para o céu e o cumprimento da simbólica escada de Jacó, que liga o céu à terra.

⁶³ Platão. Timeu. 217.p.p.

⁶⁴ Bierlein. J. F. Mitos Paralelos. Rio de Janeiro: Ediouro. 2004. p.333.

Conclusão

Nosso trabalho teve como fio condutor a busca da verdade. Mas essa busca teve o sentido de procurá-la no Exoterismo e no Esoterismo das antigas Escolas Iniciáticas.

Foi uma busca prazerosa, pois isto nos proporcionou uma visita emocionante pelos ensinamentos dos oito Grandes Iniciados de todos os tempos: Rama, Krishna, Hermes Trismegisto, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão e Jesus.

Nessa nossa busca da verdade, constatamos que os termos Esoterismo e Exoterismo sempre fizeram parte das antigas Escolas de Filosofia e das Religiões primitivas, como método de ensino de suas doutrinas.

Pode-se afirmar com chance de acerto que "Esoterismo é efetivamente toda ciência cabalística existente desde a criação do mundo. Foi a ciência esotérica expressa inicialmente por Henoque, filho de Seth, uma terceira linhagem, proveniente da raça Adâmica."⁶⁵

Por outra, é sabido que na Bíblia, encontra o relato tanto da linhagem de Caim, quanto da de Seth, que substituiu a Abel.

Dessa linhagem veio o varão Henoque, que se tornou o responsável pela Cabala Hebraica e, também, ele é reconhecido como o grande iniciador do Esoterismo.

O povo de Israel sempre preservou a Cabala, através de códigos e outros artifícios, para evitar sua profanação.

É nos dito que um desses artifícios foi a inversão de valores nas letras dos alfabetos gregos e hebraicos; dessa maneira é que a letra Alfa foi transformada em Ômega e a letra Ômega foi transformada em Alfa.

Desse código temos que Jesus Cristo é a síntese de toda a Cabala Hebraica, pois Ele nos disse: "Eu Sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim."⁶⁶

Na nossa empolgante viagem em busca da verdade, descobrimos que desde a aurora dos séculos, para alcançar a Iniciação e a Verdade do discernimento das Ciências Esotéricas, era indispensável:

1. Uma inteligência esclarecida (saber)
2. Uma audácia que nada faz parar (ousar)
3. Uma vontade que nada quebra (querer)
4. Uma discrição incorruptível (calar)

Coincide com o segredo da Esfinge:

- a) A cabeça humana, refere-se ao elemento água – a sabedoria.
- b) As garras do leão, refere-se ao elemento fogo – a ousadia.
- c) Os pés do touro, refere-se ao elemento terra – a vontade.
- d) As asas da águia, refere-se ao elemento ar – o silêncio.⁶⁷

⁶⁵ Esoterismo, Exoterismo, Aminismo, Magnetismo. Genodeh. Rio de Janeiro: 2000. p.4.

⁶⁶ Bíblia Sagrada. Apocalipse: 1:8.

Não era de se esperar menos dos iniciados, pois eles deveriam ser responsáveis pela guarda e transmissão da verdade que detinham.

Verdade como essa "todas as coisas consideradas separadamente estão em relação com o criador, mas elas não são uma parte dele. Ele é portanto, o universal, mas não a soma de tudo."⁶⁸

Essa mesma verdade é expressa por outro grande mestre, como segue:

"O Uno é todas as coisas e não é nenhuma delas. Ele é o Princípio (arché) de todas as coisas..."⁶⁹

Nesta busca da verdade, me deparei com essa brilhante joia:

"Também é com toda a minha alma e com todas as minhas forças que ofereço a Deus este elogio:

- Santo é Deus, o Pai das coisas.
- Santo é Deus, cuja vontade é cumprida por suas próprias Potências.
- Santo é Deus, que quer que se o conheça o que é conhecido por aqueles que lhe pertencem.
- Tu és Santo, tu que, pelo Verbo, constituíste tudo o que é.
- Tu és Santo, tu de que toda a natureza reproduziu a imagem.
- Tu és Santo, tu que não fostes formado pela natureza.
- Tu és Santo, tu que és mais forte que toda potência.
- Tu és Santo, tu que é maior que toda excelência.
- Tu és Santo, tu que está acima de todo o louvor."⁷⁰

Quão bela é a busca da verdade, nela e por ela eu confirmei grandes ensinamentos verídicos e descobri outros novos que muito me alegam o coração, como esse que segue:

"Estudos modernos, efetuados por Andrews Lang e confirmados por P. Schmidt, demonstram que há nos povos um monoteísmo primitivo que, por degradação, se torna politeísta.

Dessa forma, há a origem de uma crença num Deus Único e Onipotente, Criador de tudo. Os símbolos desse Deus são as manifestações da criação.

O considerar-se posteriormente tais símbolos como simbolizados levou ao politeísmo.

Portanto, o monoteísmo é antecedente ao politeísmo, o que inverte o que até então se considerava certo... não se deve mais,... considerar de origem judaica, já que o encontramos em todas as concepções esotéricas das religiões, ... e até no pensamento esotérico."⁷¹

Devo, a bem da verdade, registrar uma sereníssima lição que, voluntariamente, decidi incorporar a minha vida, como Iniciado que sou: "... a filosofia não é apenas conhecimento teórico do ser, mas também, sabedoria prática da vida."⁷²

⁶⁷ Esoterismo, Exoterismo, Aminismo, Magnetismo. Genodeh. Rio de Janeiro: 2000. p.14.

⁶⁸ Hermes Trismegisto. Do castigo da Alma. Lectorium Rosicrucianum. São Paulo: 2010. p.14.

⁶⁹ Platino. Tratado das Enéadas. São Paulo: Polar Editorial. 2000. p.63.

⁷⁰ Hermes Trismegisto. Corpus Hermeticum. Discurso de Iniciação. A Tábua de Esmeralda. Hermus Livraria, Distribuidora e Editora. p.p. 17-18.

⁷¹ Dos Santos, Mario Ferreira. O Homem Perante o Infinito. Livraria e Editora Logos Ltda. São Paulo: 1963. p.41.

⁷² Schopenhauer, Arthur. A Arte de Conhecer a Si Mesmo. Martins Fontes. São Paulo: 2019. p.X.

Sou daqueles que ensinam e creem que o conhecimento teórico apenas, sem a sua consequente aplicação na vida prática, pouco ou nada acrescenta na vida do seu portador.

Concluo dizendo: "Ser virtuoso é ser amigo de Deus, pois para nós Cristãos, Ele é a medida de todas as coisas". Usei o termo "amigo de Deus" acima, para não usar o termo "semelhante", porque entendo eu, que Deus é Único e Um em Si mesmo e nada nem ninguém é semelhante a Deus.⁷³

E ainda, usando algumas metáforas, digo:

"Deus é como o ar, quer entoar belas canções através de você.

Deus é como a flor que quer exalar seu perfume através de você.

Deus é como a liberdade, que quer que você seja livre."⁷⁴

Que assim seja!

⁷³ Novais, Joaquim e Vanessa. Olhos de Lince. A Psicanálise de Freud a Lacan Através de Aforismos. Campinas/SP: Ed. dos Autores, 2022. p.p. 178.

⁷⁴ Novais, Joaquim e Vanessa. Olhos de Lince. A Psicanálise de Freud a Lacan Através de Aforismos. Campinas/SP: Ed. dos Autores, 2022. p.p. 207.

Bibliografia

- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Livro I. Rama.
- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Krishna. Martin Claret. São Paulo: 2003.
- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Hermes. Martin Claret. São Paulo: 1986.
- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Moisés. Martin Claret. São Paulo: 1989.
- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Orfeu. Martin Claret. São Paulo: 2003.
- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Pitágoras. Martin Claret. São Paulo: 2003.
- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Platão. Martin Claret. São Paulo: 2003.
- SCHURÉ, Édouard. Os Grandes Iniciados. Jesus. Martin Claret. São Paulo: 2014.
- Mendonça Júnior, Cândido Xavier. Introdução ao Mundo Iniciático. São Paulo: 2000
- Bierlein, J. F. Mitos Paralelos. Rio de Janeiro. Ediouro, 2004.
- Kremmerz, Giuliano. Introdução à Ciência Hermética. São Paulo: Editora Pensamento, 2022.
- Lorenz, F. V. Cabala. Editora Pensamento. São Paulo/SP.
- Os Três Iniciados. O Caibalion. Editora Pensamento. São Paulo/SP. 2020.
- Platão. Fédon. Martin Claret. São Paulo/SP. 2005.
- Wright, Dudley. Os Ritos e Mistérios de Eleusis. Madras Editora. São Paulo/SP. 2004.
- Westcott, W. Wynn. Editora Pensamento. São Paulo/SP.
- Trismegisto, Hermes. Corpus Hermeticum. Hermus Livraria, Distribuidora e Editora.
- Trismegisto, Hermes. Do Castigo da Alma. Lectorium Rosicrucianum. Jarinu/SP, 2010.
- Platino. Tratados das Enéadas. Polar Editorial e Comercial. São Paulo/SP, 2000.
- Geyodeh. Esoterismo, Exoterismo, Animismo, Magnetismo. PR:2000RJ.
- Schopenhauer, Arthur. A Arte de Conhecer a Si Mesmo. Martins Fontes. São Paulo/SP, 2019.
- Dos Santos, Mário Ferreira. O Homem Perante o Infinito. Editora Logos. São Paulo/SP, 1963.
- Novais, Joaquim e Vanessa. Campinas/SP. Ed. dos Autores, 2022.
- Sigmund, Freud. Moisés e o Monoteísmo. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago. 1996.